

ELÂNIA FRANCISCO LIMA

NEGRITUDES, ADOLESCÊNCIAS E AFETIVIDADES:
experiências afetivo-sexuais de adolescentes negras de uma
periferia da cidade de São Paulo



ARARAQUARA – S.P.
2018

ELÂNIA FRANCISCO LIMA

NEGRITUDES, ADOLESCÊNCIAS E AFETIVIDADES:
experiências afetivo-sexuais de adolescentes negras de uma
periferia da cidade de São Paulo

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação Sexual.

Linha de pesquisa: Desenvolvimento, sexualidade e diversidade na formação de professores.

Orientadora: Profa. Dra. Célia Regina Rossi

ARARAQUARA – S.P.
2018

Lima, Elânia Francisco

Negritude, Adolescências e Afetividades:
experiências afetivo-sexuais de adolescentes negras
de uma periferia da cidade de São Paulo / Elânia
Francisco Lima – 2018

130 f.

Dissertação (Mestrado Profissional em Educação
Sexual) – Universidade Estadual Paulista "Júlio de
Mesquita Filho", Faculdade de Ciências e Letras
(Campus Araraquara)

Orientador: Célia Regina Rossi

1. Adolescência. 2. Periferia. 3. Gênero. 4. Raça. 5.
Relações afetivo-sexuais. I. Título.

ELÂNIA FRANCISCO LIMA

NEGRITUDES, ADOLESCÊNCIAS E AFETIVIDADES:
experiências afetivo-sexuais de adolescentes negras de uma
periferia da cidade de São Paulo

Dissertação de Mestrado, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação Sexual.

Linha de pesquisa: Desenvolvimento, sexualidade e diversidade na formação de professores.

Orientadora: Profa. Dra. Célia Regina Rossi

Data da Defesa: 22/02/2018

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientadora: Professora Doutora Célia Regina Rossi

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - UNESP

Membro Titular: Professora Doutora Claudete de Sousa Nogueira

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - UNESP

Membro Titular: Professora Doutora Elisabete Figueroa dos Santos

Universidade do Sagrado Coração - USC

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

Que essa pesquisa contribua para a luta,
que faça sentido para minhas irmãs...

AGRADECIMENTOS

Era sexta-feira. Janeiro de 1993, minha mãe, Maria Zilda Francisca Lima e meu pai, Zeneuzo Alves Lima prepararam uma bolsa com duas bacias de farofa, colchonetes, uma garrafa de café e prepararam as três filhas pequenas para sair.

Não, não estávamos indo a uma excursão!

Nosso destino era o portão da Escola Estadual Professor Eurípedes Simões de Paula, localizada no Jardim Lucélia, bairro do distrito do Grajaú, periferia do extremo sul da cidade de São Paulo. O objetivo era a busca por três vagas naquela instituição pública de ensino.

Para nós, crianças naquela fila imensa, tudo era festa!

Brincávamos apostando corrida do começo ao fim da fila de pais e mães que também desejavam garantir aos seus filhos o acesso à educação.

Sexta-feira de sol escaldante, madrugada de garoa fina, sábado, domingo, segunda-feira de manhã. O portão da escola se abre, senhas são distribuídas e só havia trinta vagas para uma fila que dava voltas no quarteirão. Meus pais conseguiram garantir nossas vagas e eu entrei pra turma da tia Soraya, outras crianças não tiveram a mesma sorte (estudar era coisa de gente sortuda, não conhecíamos ainda o recém-nascido Estatuto da Criança e do Adolescente).

Por que contar essa história nos agradecimentos?

Porque foi assim que minha vida acadêmica iniciou. Graças à luta de minha mãe e de meu pai que driblaram a ausência do Estado em nosso bairro e me ensinaram a ocupar espaços públicos.

Conto essa história, pois sou grata à Maria Zilda Francisca Lima e Zeneuzo Alves Lima, por acreditarem que a educação poderia nos levar além (e tem levado!), por me ensinarem a fazer cola com farinha e água, por melecarem folhas de sulfite com óleo quando não tínhamos dinheiro para comprar aqueles papéis de copiar mapas do Atlas. Agradeço aos dois por me darem os livros que seus patrões jogavam fora e por mostrarem curiosidade no que eu aprendia nas aulas, mesmo não compreendendo bem o que eu dizia.

Agradeço à Maria Zilda e Zeneuzo por me darem o melhor que eu poderia ter: afeto!

Agradeço aos dois, pois sem você, mãe, sem você, pai, eu sequer teria entrado na escola, não teria feito amigos, não conheceria meus professores, não aprenderia a ler e escrever, não teria concluído o Ensino Fundamental, depois o Médio, não teria feito cursos, não teria entrado na faculdade e saído de lá psicóloga, não teria feito especialização, não entraria no programa de pós-graduação em Educação Sexual, não teria conhecido a

professora Célia Regina Rossi, não seria orientada por ela. Não teria me aproximado das discussões sobre sexualidade e afetividade, não conheceria as Professoras Doutoras Claudete Sousa Nogueira e Elisabete Figueroa dos Santos.

Foi com a luta de meus pais que tive sorte de encontrar tanta gente valiosa em meu caminho. Tenho amigxs, colegas, professorxs, primxs, tixs, família de sangue, família de coração... Vixi! Tanta gente que tenho medo de colocar nomes nos agradecimentos e esquecer alguém. Aliás, há duas pessoas em especial que quero agradecer, pois não tiveram tempo de ver os frutos do incentivo que me deram: meu tio amado, Adail Alves Lima e meu querido amigo e psicólogo, Jonathas Salathiel, vocês estão em minha memória para sempre!

Resumidamente agradeço à Maria Zilda Francisca Lima e Zeneuzo Alves Lima por terem lutado para me inserir no mundo acadêmico, por criarem condições favoráveis para meu crescimento, por me amarem e não desistirem de mim. Agradeço a vocês dois, pois sem vocês eu não poderia ser grata pela vida e por todas as pessoas que conheci desde o meu primeiro respiro!

“Cheguei à teoria porque estava machucada – a dor dentro de mim era tão intensa que eu não conseguiria continuar vivendo. Cheguei à teoria desesperada, querendo compreender – apreender o que estava acontecendo ao redor e dentro de mim. Mais importante, queria fazer a dor ir embora (...)

bell hooks (2013, p.83)

RESUMO

A adolescência, culturalmente construída, ocorre de forma simultânea à puberdade, período marcado por intensas mudanças físicas e psicológicas. É na adolescência que a pessoa está mais sensível e atenta para o modo como sua imagem corporal é julgada, fato que pode interferir diretamente na construção de sua autoestima. Para adolescentes negros, ainda há a intersecção da questão racial. Assim, além de ter a autoestima influenciada pelas mudanças hormonais e emocionais, adolescentes negros podem ter sua autoimagem fragilizada pelas situações de racismo vivenciadas na infância e perpetuadas na adolescência. Realizando um recorte ainda mais específico, podemos dizer que as questões de gênero também são fatores importantes que influenciam na autoestima e imagem corporal de adolescentes do gênero feminino, uma vez que há um ideal de beleza branco estabelecido na sociedade brasileira. Entendendo que adolescentes negras trazem em seus corpos marcas da intersecção das opressões de gênero, raça e classe, buscamos compreender como, e se, o racismo afeta as vivências afetivo-sexuais de adolescentes negras periféricas. Para isso, entrevistamos seis adolescentes negras, moradoras do distrito do Grajaú, localizado na periferia do extremo sul da cidade de São Paulo. As entrevistas ocorreram em dois momentos: inicialmente com entrevistas individuais utilizando como recurso metodológico a História de Vida e, por fim realizamos um Grupo Focal de Finalização com a presença de todas as adolescentes. Tanto as entrevistas individuais quanto o Grupo Focal foram transcritos e analisados com o recurso da Análise de Conteúdo. Como resultado, a pesquisa revelou que, desde a infância, essas adolescentes foram vítimas de racismo que, na puberdade geraram fragilização em sua autoestima e preterimento, além disso, as entrevistadas revelaram não se considerarem tão belas quanto adolescentes brancas. A hiperssexualização não se fez aparente nos discursos, ao contrário, o que observamos foram relatos de situações de rechaçamento por parte de outros adolescentes. As seis histórias de vida narradas, foram atravessadas pela presença intensa de situações em que o racismo gerou fragilidades no olhar de cada adolescente sobre si e sobre seu desenvolvimento afetivo-sexual. Essa pesquisa traz reflexões sobre os impactos do racismo na afetividade e sexualidade de adolescentes negras periféricas, além de chamar atenção para a importância de considerar a intersecção de raça, gênero, classe, faixa etária e afetividade nos trabalhos de Educação em Sexualidade com adolescentes.

Palavras-chave: Adolescência negra, Periferia, Gênero, Raça, Classe, Relações afetivo-sexuais.

ABSTRACT

Adolescence, culturally built, occurs simultaneously with puberty, a period marked by intense physical and psychological changes. It is in the adolescence that the person is more sensitive and attempts to how your body image is judged, a fact that can directly interfere in your self-esteem construction. For black adolescents, there is still the intersection of racial question. Thus, besides having the self-esteem influenced by emotional and hormonal changes, black adolescents can have your self image fragilized by racism questions lived in childhood and disturbed in adolescence. Making an even more specific cut, we can say that gender questions can also be important factors that influence in self-esteem and body image of female gender adolescents, once there is a white beauty ideal stabilized upon Brazilian society. Comprehending that black adolescents bring in their bodies marks of the intersection of gender, race and social class oppression, we seek to understand how, and if, racism affects the affective-sexual experiences of black peripheral adolescents. For this, we interviewed six black adolescents, living in the Grajaú district, located on the outskirts of the southern tip of the city of São Paulo. The interviews occurred in two moments: initially with individual interviews using as a methodological resource the History of Life and, finally, we held a Finalization Focus Group with the presence of all the adolescents. Both the individual interviews and the Focus Group were transcribed and analyzed using Content Analysis. As result, the research revealed that, since the childhood, these adolescents were victims of racism that, in puberty generated embrittlement in their self-esteem and preterity, in addition, the interviewees revealed that they did not consider themselves as beautiful as white adolescents. The hypersexualization was not made apparent in speeches, on the contrary, of what we have observed was reports of situations of rejection by other adolescents. The six stories of life narrated were crossed by the intense presence of situations in which racism generated grooves in each teenager's gaze on himself and his affective-sexual development. This research brings reflections on the impacts of racism on the affectivity and sexuality of peripheral black adolescents, and draws attention to the importance of considering the intersection of race, gender, class, age group and affectivity in the studies on Sexuality Education with adolescents.

Keywords: Black Adolescence, Periphery, Gender, Race, Social Class, Affective-sexual relationships.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Dados sociodemográficos das participantes da pesquisa	70
-----------------	---	----

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	13
1 INTRODUÇÃO	21
2 “MAS... ADOLESCÊNCIA NÃO É TUDO IGUAL?”: Recortes étnico-racial, de gênero e a (não)linearidade das adolescências	26
2.1 A negação da subjetividade: o corpo feminino negro e o início da puberdade no contexto escravista brasileiro	28
2.2 “A menina <i>de menor</i> ”: adolescentes negras e legislações pós-abolição	34
2.3 Enfim, o reconhecimento da adolescência: A constituição de 1988 e o nascimento do Estatuto da Criança e do Adolescente	37
3 NEGRAS, PERIFÉRICAS E ADOLESCENTES: Questões de raça, classe e gênero numa fase peculiar de desenvolvimento	39
3.1 Adolescentes negras: plurais	43
4 ADOLESCENTES NEGRAS E TRAJETÓRIAS AFETIVO-SEXUAIS: Breve olhar	55
5 ASPECTOS METODOLÓGICOS.	59
5.1 História de vida e Grupo Focal como recursos metodológicos	59
5.2. Grajaú: o território da pesquisa	61
5.3 Primeiros passos, aproximações	65
5.4 Carolina Maria, Nina, Teresa, Dandara, Ângela e Sueli: formas plurais de ser menina, negra e periférica	68
5.4.1 Sueli	70
5.4.2 Tereza	72
5.4.3 Angela	72
5.4.4 Nina	73
5.4.5 Dandara	74
5.4.6 Carolina Maria	75
6 ANALISANDO AS ENTREVISTAS	78
6.1 Análise de Conteúdo: como analisamos as histórias dessas adolescentes?	78
6.2 Analisando as Entrevistas Individuais	79
6.2.1 Categoria Um: Identidade negra	80
6.2.2 Categoria Dois: Olhares sobre as estéticas negras	85
6.2.3 Categoria Três: Vivências afetivo-sexuais	94
6.2.4 Categoria Quatro: Educação em Sexualidade	97
6.3 Analisando o Grupo Focal de Finalização	98
6.3.1 Categoria Um: Vivências afetivo-sexuais	99
6.3.2 Categoria Dois: Autoimagem	103
6.3.3 Categoria Três: Racismo e saúde mental	107
6.3.4 Avaliando a participação na pesquisa	111
7 CONSIDERAÇÕES PARA NÃO FINALIZAR	115
REFERÊNCIAS	117
APÊNDICES	125
APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO SÓCIODEMOGRÁFICO	126
APÊNDICE B – CARTA DE APRESENTAÇÃO	127
APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E	128

ESCLARECIDO	
APÊNDICE D – ROTEIRO GRUPO FOCAL DE FINALIZAÇÃO	130
APÊNDICE E – ROTEIRO PARA A COLETA DAS HISTÓRIAS ORAIS	131
APÊNDICE F - TERMO DE AUTORIZAÇÃO DA PESQUISA NA	132
INSTITUIÇÃO	

APRESENTAÇÃO

*“E aprendi que: Preta, afeto é revolucionário
Só quando se começa de dentro!
E de tanto insistirem,
às vezes eu até acho que minha sanidade beira a loucura
Mas também acredito que raciocínio compartilhado cura.”
(Gabriela Juliano, Manifesto)¹*

Eu gostaria de começar esta apresentação dizendo que meu interesse pela temática de vivências afetivo-sexuais de adolescentes negras surgiu a partir de leituras que fiz na academia sobre sexualidade, afetividade e racismo, mas não consigo!

Para explicar sobre o surgimento de meu interesse em pesquisar a sexualidade de adolescentes negras com o olhar voltado às vivências afetivo-sexuais, precisarei voltar um pouco no tempo... no meu tempo.

Convido você leitora (ou leitor) a adentrar um pouco na história desta pesquisadora que se apresenta.

Meu nome é Elânia FranciscA, com “A” no final. Eu sei... eu sei que você leu na capa Elânia Francisco, com “O”, mas deixa eu te contar uma coisa sobre mim e minha família: nós nascemos no meio rural e o registro dos filhos em cartório era complicado até o final dos anos 80 para nós da roça, então alguém lá do cartório disse ao meu pai que sobrenome tem que ser no masculino. “Imagina o senhor se a bebê fosse um menino? Seria Francisca?”. Então meu pai cedeu e hoje em meus documentos meu nome e sobrenome estão escritos assim: Elânia FranciscO Lima, com “O” no final.

1

Eu nasci numa cidade pequena do Espírito Santo chamada Montanha, passei meus primeiros 4 anos de vida numa cidade menor ainda chamada São João do Sobrado, com cerca de 25 mil habitantes. Meus pais e eu morávamos numa fazenda onde minhas avós e avôs paternos e maternos trabalharam e moraram por muitos anos (minha avó materna ainda mora na mesma fazenda). Toda a minha família é negra, exceto o meu avô materno, que era branco de olhos azuis. Ele faleceu em 2013.

Durante minha infância, eu ouvia as histórias de minha avó sobre o casamento da mãe dela. Minha avó contava que minha *bisa* era indígena, vivia “no meio do mato” e que, aos doze anos, precisou ser laçada para se casar com meu bisavô, pois ela não queria. Muitas outras mulheres de minha família contam histórias de ancestrais nossas “laçadas no meio do mato” ou que se casaram sem desejar o matrimônio.

Eu morei na fazenda somente nos meus primeiros quatro anos de vida, depois meus pais e eu nos mudamos para o Grajaú, bairro periférico no extremo sul da cidade de São Paulo. Dessa época tenho vagas lembranças. Minha irmã Flaviana nasceu no mesmo ano em que nos mudamos para São Paulo, dois anos depois nasceu Jéssica, minha outra irmã.

Lembro-me da primeira escola que estudei em São Paulo. Eu estava na pré-escola, tenho recordação de muitas agressões físicas que sofria por parte dos meninos de minha idade que me apelidavam de canela seca, nariz de “barrela de bosta”. Com minhas irmãs não era diferente, nossa infância foi permeada por apelidos racistas. E nós não entendíamos o que acontecia, afinal éramos morenas, éramos “não negras”.

Aos 12 anos de idade, comecei a ter contato com os flertes fantasiados de brincadeiras que foram surgindo na escola com o início de minha adolescência. Havia um jogo chamado BNB, abreviação de Beijo Na Boca, no qual quem jogava precisava ficar o tempo todo com os dedos cruzados em figa para não ser beijada (o). A regra era: se a pessoa estivesse sem *figuinha*, teria que beijar na boca do primeiro que lhe dissesse “BNB!”. Eu queria ser beijada!

Eu vivia “esquecendo” de fazer a figa, mas ninguém me abordava, ninguém dizia “BNB” para mim.

De todas as brincadeiras que envolviam experiências afetivo-sexuais, tais como jogo da garrafa, verdade ou desafio, encoxadinha (quando os meninos iam abraçar as meninas por trás), festa americana, eu não recorde de ter sido convidada a participar de nenhuma. Até ali eu não pensava na existência de racismo, machismo, preterimento... na verdade sempre acreditei que não queriam me beijar por eu ser feia, ter cabelo e nariz feios. Gosto é gosto, né?!

A primeira vez que me apaixonei foi aos 11 anos, por um menino da minha idade. Conte para uma amiga e ela desenhou, na parede de nossa sala de aula, um coração com meu nome e o dele dentro: “Elânia e Fulano se amam loucamente”. Ele entrou na sala, viu o desenho e, enfurecido, foi até minha carteira com um tubo de corretivo na mão e exigiu que eu apagasse seu nome da parede. Enquanto eu apagava o nome dele do coração, ele me chamava de “neguinha do cabelo de fuá”.

Dos 13 anos em diante, já com os cabelos alisados e o corpo um pouco mais “arredondado”, algumas coisas foram mudando. As experiências afetivo-sexuais tornaram-se aparentemente mais agradáveis, contudo eu pouco me sentia uma adolescente atraente de fato. Descobri a beleza das vivências afetivo-sexuais me aproximando de meninos e também de outras meninas da minha idade... fui me descobrindo e me entendendo bissexual.

Quando completei 15 anos, minha mãe engravidou e, para a satisfação de meu pai, nasceu o primeiro menino, meu irmão caçula chamado Renan. Eu, que desde os nove anos tinha obrigações com o cuidado da casa e das minhas irmãs menores, passei a cuidar do bebê para que minha mãe fosse trabalhar. Eu gostava de fingir que ele era meu filho e que meu marido tinha saído para o trabalho. Quando eu levava Renan para tomar vacina, dizia para as pessoas na recepção da Unidade Básica de Saúde (UBS) que ele era meu bebê. Eu queria

casar assim que “terminasse os estudos”, que na minha família significava concluir o Ensino Médio. Fui a primeira pessoa de minha família materna e paterna a “terminar os estudos”.

A adolescência foi um período de intensas mudanças. Sentir a puberdade agindo em meu corpo, menstruar pela primeira vez, apaixonar-me pela primeira vez, querer beijar na boca e treinar usando as costas da mão, querer transar, sentir tesão, rascunhar os primeiros versos de amor nas últimas folhas do caderno, foi me fazendo querer saber mais sobre sexualidade, querer saber mais sobre esse treco maluco que é o querer-bem-alguém... E foi no entrelaçamento de minha vivência afetivo-sexual com o desejo de saber mais que comecei a estudar sozinha sobre puberdade e adolescência.

Havia uma Biblioteca Comunitária (BC) em meu bairro chamada “BC Padre José Pegoraro”. Eu a frequentava diariamente e lia muitos escritos da Rosely Sayão e Martha Suplicy falando sobre sexo. De tanto frequentar a BC, tornei-me mediadora de leitura e passei a compor o quadro de adolescentes voluntários da biblioteca. Eu levava meu irmão num carrinho de bebê e meus amigos se revezavam no cuidado com ele em meio aos livros.

Dos 16 aos 18 anos eu convivi com adolescentes que também amavam ler e tombiar livros. Eu a-do-ra-va fazer tombamento de livro! A biblioteca foi meu refúgio, meu respiro e também espaço de novas vivências afetivo-sexuais, dessa vez mais saudáveis.

Depois de concluir o Ensino Médio eu segui direitinho o roteiro preestabelecido para meninas periféricas nos anos 90: casei-me aos 19 anos, planejei filhos, mas eles não vinham. Divorciei sete anos depois!

Aos 22 anos comecei a trabalhar numa Organização Não Governamental (ONG) de defesa de direitos humanos de criança e adolescente. Comecei a estudar, oferecer palestras e oficinas para adolescentes com foco na temática de gênero e sexualidade e o direito ao desenvolvimento sexual saudável, preconizado no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) (Brasil, [1990] 2008).

Com 23 anos, iniciei minha vida acadêmica como estudante de psicologia numa universidade privada (não me julguei capaz de cursar uma universidade pública e por isso nunca sequer prestei vestibular para alguma Federal ou Estadual).

Durante os cinco anos de graduação, aproximei-me dos estudos sobre psicologia e sexualidade. Após concluir a graduação descobri a existência de uma especialização em Gênero e Sexualidade oferecida pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) em parceria com o Centro Latino-Americano em Sexualidade e Direitos Humanos (CLAM). Foi durante a especialização que tive meu primeiro contato com autoras como Judith Butler, Joan Scott e Guacira Lopes Louro. Minha cabeça deu um nó com as ideias dessas mulheres. *Queer? Cis? Trans? Caraca, mulecote!!*

Foi graças à leitura de um livro chamado *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*, da Guacira Lopes Louro, que descobri a existência daquela que se tornaria a rainha inspiradora dessa dissertação: bell hooks!

Maravilhei-me mais ainda quando descobri o motivo de bell hooks ser escrito assim mesmo, com letras minúsculas. A autora justifica, informando que o mais importante em suas obras é a substância do que ela tem a dizer e não quem ela é (Gonçalves, 2013).

bell hooks era mulher como eu, negra como eu, que, assim como eu, encontrou nos livros uma companhia agradável e um colo. Ler bell hooks era mais intenso que qualquer leitura que havia feito até aquele momento, pois ela falava do mesmo lugar que eu, do lugar de mulher negra! E mais: ela falava da importância de olhar para os afetos como parte fundamental no processo de pensar sexualidades.

Eu me apaixono diariamente por bell hooks!

Meu TCC na especialização em Gênero e Sexualidade era intitulado “A rua é nós?: meninas periféricas e a percepção de sua presença na rua” e tinha como objetivo compreender o modo como adolescentes do gênero feminino, moradoras do distrito do Grajaú, ocupam ou

não as ruas da periferia. A escrita foi um desastre! Eu, recém-egressa de um ensino superior que pouco me deu base para a escrita acadêmica, teci um texto que hoje releio e considero fraco.

Depois de 2014, segui lendo e estudando sobre gênero e sexualidade, mas agora eu gostaria também de pensar afetos. Refleti, na época, que as vivências afetivo-sexuais poderiam começar com o conhecimento do próprio corpo e do autoprazer. E lá fui eu estudar masturbação feminina e adolescência.

Em 2015 escrevi um pré-projeto de pesquisa que visava compreender a percepção de profissionais de saúde na atenção básica sobre adolescência e masturbação feminina. Inscrevi-me para a seleção no Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual – Mestrado Profissional na UNESP Araraquara e, em junho de 2015, fui selecionada para ingressar no Programa com orientação da professora doutora Célia Regina Rossi.

Entre junho e agosto de 2015, vendi todos os móveis de minha casa e organizei minha mudança para Araraquara. Dividi moradia com a Amanda Saraiva, que cursava mestrado em Farmácia, também na UNESP Araraquara.

Durante o primeiro semestre, como forma de me manter no Programa sem bolsa de estudos, passei a vender minhas próprias oficinas em sexualidade para ONG, Coletivos e Instituições que atendessem o público adolescente. A cada oficina, percebia que a temática das primeiras vivências de paixão, tesão, amor e desilusão eram as mais pedidas pelas (os) adolescentes. E cada vez que nos aprofundávamos na discussão sobre afetos, surgiam relatos de meninas e meninos negros em que o racismo atravessava suas vivências afetivo-sexuais. Relatos de meninas negras, que foram rejeitadas afetivamente pelo fato de terem “cabelo de plástico” (tranças *box braids*), ou de meninos negros levarem “um fora” com xingamentos racistas sempre surgiam nas oficinas.

Refleti muito e cheguei à conclusão de que as primeiras experiências afetivo-sexuais

daqueles meninos e meninas negras se assemelhavam muito com as minhas e com as relatadas por bell hooks.

A partir daí fui fazendo uma viagem de volta para minhas primeiras vivências afetivo-sexuais e percebi o quanto o racismo atravessou meu desenvolvimento sexual. E então me perguntei: “Como será que adolescentes negras do Grajaú vivenciam suas primeiras experiências afetivo-sexuais atualmente? O racismo se faz presente? É possível que o racismo gere danos nas primeiras vivências afetivo-sexuais dessas meninas negras periféricas?”.

Partilhei essas reflexões com minha orientadora e propus que mudássemos totalmente o foco da pesquisa para vivências afetivo-sexuais de adolescentes negras do distrito do Grajaú. Célia, muito prontamente, aceitou e iniciamos nosso processo de reorganização do material bibliográfico e escrita do projeto de pesquisa.

Tive meu primeiro contato com a tese de doutorado de Ana Cláudia Lemos Pacheco, em que ela fala sobre afetividade da mulher negra. Li artigos de Nilma Lino Gomes sobre o cabelo crespo e a estética negra e percebi quão imensa é a literatura sobre nossas vivências negras. Contudo, encontrei poucos conteúdos que abordassem especificamente a temática da adolescência negra e afetividade.

Ressalto, aqui, que compreendo que meninas e meninos negros merecem um olhar cuidadoso sobre seus afetos e que, ao escolher o recorte de gênero para essa pesquisa, não tenho intenção de apagar as questões afetivo-sexuais de meninos negros, tampouco abordá-las de forma superficial. Contudo, no momento de escrita do projeto de pesquisa, eu precisava admitir um recorte, além do etário e étnico-racial, então optei por estudar sexualidade, negritude e adolescência feminina, porque além de me interessar muito em lançar o olhar sobre as questões afetivo-sexuais das meninas negras do distrito do Grajaú, há pesquisadoras que estudam a afetividade da mulher negra, porém há pouca produção científica sobre a afetividade negra feminina com idade entre 12 e 18 anos, período de

intensas mudanças físicas e psicossociais.

Admito que, refletindo sobre todo o caminho percorrido nessa pesquisa, poucos foram os momentos em que as seis entrevistadas se referiam aos meninos negros como garotos atraentes ou merecedores de investimento afetivo-sexual por parte delas. Quanto a essa informação falaremos mais adiante, contudo informo que um dos desdobramentos dessa pesquisa é minha pretensão em seguir nos estudos sobre vivências afetivo-sexuais e adolescências negras periféricas, tanto no que diz respeito aos meninos, quanto às meninas.

Meu nome é Elânia FranciscA com “A” e te convido para a leitura dessa pesquisa sobre vivências afetivo-sexuais de meninas adolescentes negras moradoras do distrito do Grajaú, extremo sul da cidade de São Paulo.

1 INTRODUÇÃO

Desde os dados sobre assassinato de adolescentes e jovens negros até o racismo presente nas microrrelações, a população negra brasileira tem sofrido, literalmente, na pele os impactos do período escravista e a ausência de políticas pós-abolição para garantir o mínimo de acesso a essa parcela da população até os dias atuais.

De acordo com os dados estatísticos divulgados em 2015 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE) (2015), as pessoas negras correspondem a 53,9% da população nacional e desses, 76% representam a parcela mais pobre dos brasileiros. Sendo assim, constatamos que a população negra é não só maioria no Brasil, como também é a parcela mais pobre do país.

Nas palavras de Maria Aparecida Silva Bento (2003, p.27), “a pobreza tem cor, qualquer brasileiro minimamente informado foi exposto a essa afirmação, mas não é conveniente considerá-la.”

É importante salientar que não é somente no campo socioeconômico que o racismo afeta diretamente a população negra. A depreciação e coisificação de corpos negros, além da criação de mitos sobre a sexualidade da mulher negra, são exemplos de como o racismo pode afetar também a subjetividade e as vivências afetivo-sexuais de homens e mulheres negras.

Compreendemos aqui vivências afetivo-sexuais como experiências relacionadas à sexualidade de forma ampla, não somente no campo do ato sexual em si, mas também na construção das relações de afeto por si e por outras pessoas.

bell hooks (2010) propõe uma reflexão sobre os impactos do sistema escravocrata e as divisões raciais na capacidade de negras e negros de amar. Para hooks (2010),

Numa sociedade onde prevalece a supremacia dos brancos, a vida dos negros é

permeada por questões políticas que explicam a interiorização do racismo e de um sentimento de inferioridade. Esses sistemas de dominação são mais eficazes quando alteram nossa habilidade de querer e amar. Nós negros temos sido profundamente feridos, como a gente diz, “feridos até o coração”, e essa ferida emocional que carregamos afeta nossa capacidade de sentir e, conseqüentemente, de amar. (hooks, 2010).

Segundo hooks (1995), o período escravista impactou profundamente a vida de homens e mulheres negros, contudo salienta que o capitalismo e o racismo somados ao sexismo atuam de forma que perpetuam a ideia de que mulheres negras existem principalmente para servir aos outros, além de serem consideradas corpos sem mente (pp.465-469).

Essas hierarquias sociais, construídas historicamente, enraizadas em nossa cultura e que promovem, ainda que inconscientemente, a anulação da subjetividade e da potência afetiva de mulheres negras impactam diretamente as experiências afetivo-sexuais de mulheres adultas, como já nos foi apresentado por Ana Cláudia Lemos Pacheco (2013) em sua pesquisa sobre afetividade das mulheres negras de Salvador, Bahia.

A autora nos informa que “é sobre o ato de amar e ser amada que se alojam as hierarquias sociais prescritas e as representações elaboradas a respeito do corpo da negra/mestiça, estruturando suas escolhas e sua afetividade.” (Pacheco, 2013, p.28).

Se o machismo, racismo e capitalismo interseccionados impactam as vivências afetivo-sexuais de mulheres negras colocando-as, muitas vezes, numa posição de preterimento e coisificação lhes gerando impactos em sua subjetividade e capacidade de amar, é possível levantarmos um questionamento: como ocorre o início das vivências afetivo-sexuais de meninas negras adolescentes no contexto de periferia?

O racismo afeta, de alguma forma, o modo como essas adolescentes vivenciam seus primeiros amores e paixões? O preterimento dos corpos negros femininos atinge adolescentes negras?

Utilizando a metodologia da História de Vida (Chizzotti, 2006; Minayo, 2002) e Grupo Focal (Gatti, 2005), entrevistamos seis adolescentes com idades entre 13 e 17 anos com o objetivo de investigar como, e se, o racismo afeta o desenvolvimento afetivo-sexual de adolescentes negras moradoras do distrito do Grajaú, região periférica da cidade de São Paulo.

Para essa aproximação, realizamos contatos com uma Instituição, um Coletivo de Teatro e uma cantora do distrito do Grajaú, visando apresentar a pesquisa e assim conhecermos Sueli, Tereza, Nina, Angela, Dandara e Carolina Maria, as participantes da mesma.

Nossa hipótese era a de que o racismo fragiliza a autoestima de adolescentes negras periféricas e afeta de forma negativa o modo como elas percebem e vivenciam suas primeiras experiências afetivo-sexuais consigo e com os outros.

Para compreensão da temática trabalhada nesta dissertação optamos por dividi-la em seis seções.

Na primeira seção, intitulada “Mas... adolescência não é tudo igual?": Recortes étnico-racial, de gênero e a (não)linearidade das adolescências” apresentaremos, de forma breve, a trajetória histórica da menina adolescente negra na busca por reconhecimento, respeito e proteção à sua fase peculiar de desenvolvimento, chamada adolescência. Essa seção foi dividida em três subseções, sendo que na primeira falaremos sobre o período escravista e o início da puberdade que marca a intensificação da hipererotização do corpo feminino negro. Na segunda subseção, abordaremos brevemente as legislações criadas no início do século XX, pós-abolição da escravatura que, sob argumentações racistas e

higienistas, encarceravam os ditos *menores*: crianças e adolescentes pobres, majoritariamente negros. E na última subseção, trataremos do percurso da criação da Constituição Federal de 1988 até a promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente, fruto das lutas dos movimentos sociais, sobretudo o movimento negro, o feminista e movimento da infância e juventude nos anos 80 pós-regime militar.

Na segunda seção, nomeada como “Negras, periféricas e adolescentes: Questões de raça, classe e gênero numa fase peculiar de desenvolvimento”, trataremos de apresentar o referencial teórico sobre o período da adolescência e a formação da identidade negra.

Em “Adolescentes negras e trajetórias afetivo-sexuais: breve olhar” seguiremos com a apresentação do referencial teórico, agora com foco nos conceitos de afetividade e sexualidade da adolescente negra.

A quarta seção, “Aspectos metodológicos”, tratará de apresentar a metodologia e os instrumentais utilizados para a realização desta pesquisa.

No capítulo “Analisando as entrevistas” apresentaremos os resultados e tratamento dos dados obtidos nas entrevistas.

E, concluindo esta dissertação, em “Considerações para não finalizar” apontaremos questões que poderão se desdobrar em novas pesquisas sobre adolescência feminina negra e afetividade.



Figura 1. Efêmera. Ilustração criada por Jennifer Ernesto para esta dissertação.

2 “MAS... ADOLESCÊNCIA NÃO É TUDO IGUAL?”: Recortes étnico-racial, de gênero e a (não)linearidade das adolescências

A pergunta contida no título dessa seção foi uma das indagações mais ouvidas durante o processo de investigação que deu origem a esta dissertação. Durante dois anos, não foram raros os momentos em que, ao apresentar a pesquisa em eventos científicos ou fora deles, ouvíamos questões como: “Por que estudar vivências afetivo-sexuais somente de adolescentes negras?”; “Afeto não tem cor!”; “Adolescência é adolescência, independente da cor!”.

Inicialmente pensamos não ser necessário abrir essa reflexão no texto da dissertação, pois acreditávamos que poderia haver um desvio do foco de nossa pesquisa. No entanto, ao iniciar as entrevistas e debruçarmo-nos na leitura das produções acadêmicas para construir a base de nosso referencial bibliográfico sobre o tema, constatamos dificuldade em encontrar produção específica relacionada à adolescência negra, sobretudo quando se trata de vivências afetivo-sexuais de pessoas negras nessa fase de desenvolvimento. Em contrapartida, a temática Adolescência, de forma ampla, sem recorte étnico-racial, surge em nossas buscas de forma significativa.

Por meio de busca no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES (CAPES, 2016), utilizando inicialmente a palavra “adolescentes”, encontramos 16.086 produções realizadas entre os anos de 2011 e 2016 em que esse termo aparece. Ao utilizar o termo “adolescentes negros” esse número cai para 29 produções no mesmo período. Modificando o gênero do termo e buscando produções com as palavras “adolescentes negras” esse número diminui para 10 nos últimos cinco anos. Por fim, ao realizar busca com os termos “adolescência negra afetividade”, nenhum registro foi encontrado.

Também realizamos busca no banco de teses e dissertações dos Programas de Pós-

Graduação da UNESP Araraquara em Educação Escolar (existente desde 1997) e em Educação Sexual (existente desde 2013), ambos com linhas de pesquisas dedicadas à produção de conhecimento na área de Gênero, Sexualidade e Cultura. Pudemos constatar a existência de duas teses de doutorado e cinco dissertações de mestrado que se dedicaram à reflexão e pesquisa sobre sexualidade na adolescência, no entanto nenhum desses trabalhos considerou o recorte étnico-racial em suas análises.

Sobre adolescência negra, cabe mencionar as pesquisadoras Maria Aparecida Silva (2005) e Maria Nazaré Salvador (2006), ambas, mestres em Sociologia pela UNESP Araraquara, que embora tenham dedicado suas dissertações de mestrado aos estudos sobre adolescência negra, buscaram compreender temas relacionados à construção de projeto de vida e percepção da discriminação racial, respectivamente.

Sobre a temática da afetividade, salientamos que pesquisadoras como Ana Cláudia Lemos Pacheco (2013) e Renata Jesus da Costa (2007) realizaram pesquisas sobre sexualidade, afetividade e identidade da mulher negra, contudo com recorte específico sobre a mulher negra adulta.

Com essas buscas, pudemos observar a existência de poucos estudos que propõem reflexões em que raça, gênero e afetividade estão em intersecção, sobretudo quando se trata de meninas adolescentes.

Quando obtemos resultado de 16.086 produções acadêmicas em que o termo “adolescentes” aparece nos últimos cinco anos, de que adolescentes estamos falando? É possível afirmar que a adolescência é uma construção linear? Podemos dizer que todas as adolescências são vividas de forma linear? Quais resultados obtivemos quando analisamos as adolescências considerando o quesito cor?

Ao levantarmos essas questões, sabemos que não conseguiremos respondê-las neste trabalho, mas desejamos instigar a reflexão sobre a importância de considerar que raça é um marcador social que impacta na construção das relações e no desenvolvimento humano.

Nesta seção apresentaremos, de forma breve, o percurso histórico do corpo negro feminino púbere em busca de seu reconhecimento enquanto um corpo de menina adolescente.

2.1 A negação da subjetividade: o corpo feminino negro e o início da puberdade no contexto escravista brasileiro

É impossível falar sobre qualquer aspecto da construção da identidade e subjetividade negra, seja ela na infância, vida adulta ou adolescência, sem abordar o período escravista no Brasil. Esse período foi de quase 400 anos de práticas racistas contra africanas e africanos que impactaram e ainda impactam no contemporâneo a vida de homens e mulheres negras no Brasil.

Não é a intenção, nessa subseção, abordar com profundidade aspectos do sistema escravista no Brasil que contribuíram fortemente para a criação de mitos em torno da sexualidade da mulher negra, pois sabemos que esse recorte, ainda que específico, gera ampla discussão e reflexão que esta dissertação não dará conta de sanar.

Faremos um recorte do recorte, visto que buscamos aqui refletir sobre a construção da adolescência negra feminina. Sendo adolescência um termo que não era atribuído às meninas negras no período escravista, falaremos então sobre a menina negra púbere, pois conforme nos diz Contardo Calligaris (2009) é a puberdade que serve de marcador para o início do que se concebe culturalmente como adolescência.

A puberdade é uma questão biológica, característica do desenvolvimento de todo ser humano. Desse modo, podemos afirmar que todos os corpos, independentemente de brancos ou negros, passarão por esse período de intensas mudanças biológicas.

Contudo, ainda que seja uma fase do desenvolvimento humano, o modo como a puberdade é vivenciada variará de acordo com seu contexto, sofrendo influências sociais e culturais. Assim, o período histórico e o contexto social também interferem na forma como a puberdade será vivenciada e compreendida. Conforme Nilma Lino Gomes (2002) nos informa, “um corpo é construído biologicamente e simbolicamente na cultura e na história” (p.41).

Maria Vittoria Parda Civiletti (1991), em seu estudo sobre cuidados dados às crianças no Brasil escravista, mostra-nos o modo como o desenvolvimento da criança negra na casa-grande se dava.

Na primeira infância, até os 6 anos, a criança branca era geralmente entregue à ama-de-leite. O pequeno escravo sobrevivia com grande dificuldade, precisando para isso adaptar-se ao ritmo de trabalho materno. Após esse período, brancos e negros começavam a participar das atividades de seus respectivos grupos. (Civiletti, 1991, p.33).

Assim, podemos constatar que já na infância não havia tratamento linear às crianças negras e brancas. Uma vez que as necessidades básicas de meninas e meninos negros se tornariam secundárias diante dos cuidados obrigatoriamente dados à criança branca.

Durante o século XIX no Brasil o termo adolescência não era uma nomenclatura utilizada para designar uma fase de desenvolvimento de meninos e meninas negras. Ainda de

acordo com Civiletti (1991), “dos 12 (anos) em diante as meninas e meninos escravos eram vistos como adultos, no que se refere ao trabalho e à sexualidade” (p.33).

Já Sônia Maria Giacomini (1988) mostra que, ainda no século XIX, as senhoras brasileiras, donas de escravas (os), tratavam as crianças negras, geralmente filhas de amas-de-leite, de forma semelhante ao tratamento dado a um animal de estimação. No entanto, se essa criança era do gênero feminino, ao iniciar a fase da puberdade passava a ser vista pela mesma senhora como um perigo sedutor para seu senhor, deixando a condição de “animal de estimação” para ocupar o lugar de “objeto sexual”, tornando-se, assim, alvo de ciúmes e ira de sua senhora.

Giacomini (1988) nos diz que,

O desenvolvimento físico da escrava adolescente marca a passagem da escrava “animal de estimação” para escrava “objeto sexual”, com suas inevitáveis consequências na relação senhora-escrava. A ideologia corrente que associa a negra ao prazer sexual do branco, identificando em seu corpo o agente do estupro institucionalizado, fez recair também sobre a escrava, como se não bastasse a objetificação sexual, inconfessáveis sentimentos de inveja das senhoras. As mutilações, extirpações, deformações e outras atrocidades praticadas por senhoras no corpo das negras, das quais abundam exemplos na literatura da época, privilegiaram, não por acaso, as regiões corporais comumente identificadas a seu poder de sedução: nádegas, dentes, orelhas, faces, etc. [itálicos nossos] (Giacomini, 1988, p.79).

Desse modo, podemos deduzir que os registros sobre a sexualidade de mulheres negras do século XIX no Brasil referem-se não somente às mulheres negras adultas, mas também às adolescentes negras com idade de 12 anos ou mais.

A puberdade, mostrando seus primeiros sinais nos corpos negros, era o período que marcava a forma como mulheres brancas e homens brancos passariam a perceber a presença da sexualidade da menina negra. Assim, o corpo negro feminino seria visto pelas senhoras como um corpo rival e perigoso e pelos senhores como um corpo objeto de cobiça, mas em ambos os casos a culpa voltava-se para a própria mulher negra, já que era ela a portadora de atributos físicos que provocavam o desejo do homem branco e o ciúme de sua senhora (Giacomini, 1988, p.66).

Cabe ressaltar que o termo “rivalidade de mulher com mulher”, utilizado por Gilberto Freyre (1980) citado por Giacomini (1988) para referir-se aos maus-tratos e atos extremamente violentos promovidos pelas senhoras contra as mulheres escravizadas, trata-se na verdade de uma rivalidade entre senhora e escrava e não simplesmente entre mulheres, uma vez que “uma (a senhora) pode deixar correrem soltos seus sentimentos em relação à outra (a escrava), com a total impunidade garantida por sua situação de classe e no pleno exercício de sua função de escravaria da casa.” (Giacomini, 1988, p.80).

Um fragmento do relato de um ex-oficial do Exército Imperial chamado Schlichthorst, datado de 1825, traduzido por Emmy Dodt e Gustavo Barroso em 2000 descreve sua sensação ao aproximar-se de uma “mulher” negra:

Doze anos é a idade em flor das africanas. Nelas há, de quando em quando, um encanto tão grande que a gente esquece a cor. As negrinhas são geralmente fornidas e sólidas, com feições denotando agradável amabilidade, e todos os movimentos cheios de graça natural, pés e mãos, plasticamente belos. Lábios vermelhos-escuros e dentes alvos e brilhantes convidam ao beijo. Dos olhos se irradia um fogo tão peculiar e o seio arfa em tão ansioso desejo que é difícil resistir a tais seduções.” [itálicos nossos] (Schlichthorst, [1825] 2000, p.218).

Giacomini (1988) aponta para a informação de que era função da mulher negra iniciar sexualmente os filhos do senhor de engenho, sendo que esta era uma prática ensinada de pai para filho enquanto, aparentemente, eram consentidas pelas senhoras (Giacomini, 1988, pp.69-70).

Nesse contexto de exploração da sexualidade da mulher negra, “as relações 'familiares' e sexuais entre escravos, quando possíveis, necessariamente levariam as marcas e deveriam se adaptar à inevitável sujeição sexual da escrava ao senhor.” (Giacomini, 1988, p.70).

Embora houvesse uma hipererotização do corpo púbere de meninas negras, Angela Davis (2016) nos alerta para uma questão importante com relação aos estupros ocorridos contra mulheres negras.

Seria um erro interpretar o padrão de estupros instituídos durante a escravidão como uma expressão dos impulsos sexuais dos homens brancos, reprimidos pelo espectro da feminilidade casta das mulheres brancas. Essa explicação seria muito simplista. O estupro era uma arma de dominação, uma arma de repressão, cujo objetivo oculto era aniquilar o desejo das escravas de resistir, nesse processo, desmoralizar seus companheiros. (Davis, 2016, p.36).

Cabe também informar à leitora e leitor que dentre as notícias dos jornais brasileiros do século XIX, anúncios de fugas de meninas negras púbere eram constantes, e, conforme destaca Giacomini (1988), isso pode nos indicar um movimento de resistência diante das atrocidades vivenciadas em seus corpos.

A seguir, destacamos duas notícias do Diário do Rio de Janeiro publicadas no ano de

1850.

Fugio, haverá um mez, uma rapariga, de nome Albina, idade de 16 a 17 annos, estatura mediana, corpo cheio e bem feito (Diário do Rio de Janeiro, 13/07/1850 citado por Giacomini, 1988, p.84).

Fugio da rua da Pedreira da Glória n.31, uma negrinha de nome Carolina, com 12 annos de idade, bonita, dentes grandes (Jornal do Commercio, 05/07/1850 citado por Giacomini, 1988, p.84).

Diante de violências constantes praticadas em sua sexualidade ainda púbere, supomos que pouco havia de espaço para vivências afetivo-sexuais autônomas e bem-sucedidas de nossas ancestrais.

Com relação aos afetos, bell hooks (2010) aponta o escravismo como um período em que negros e negras, ao presenciarem e vivenciarem punições cruéis e abusos contra si e outras pessoas negras, eram obrigadas a conter e reprimir muitos de seus sentimentos e emoções como forma de sobrevivência.

Num contexto onde os negros nunca podiam prever quanto tempo estariam juntos, que forma o amor tomaria? Praticar o amor naquele contexto poderia tornar uma pessoa vulnerável a um sofrimento insuportável. De forma geral, era mais fácil para os escravos se envolverem emocionalmente, sabendo que essas relações seriam transitórias. A escravidão criou no povo negro uma noção de intimidade ligada ao sentido prático de sua realidade. Um escravo que não fosse capaz de reprimir ou conter suas emoções, talvez não conseguisse sobreviver. (hooks, 2010).

Essa prática da repressão dos sentimentos como forma de sobrevivência, segundo hooks (2010), não cessou com a abolição do regime escravista, uma vez que ao abolir o regime escravocrata não se aboliu o racismo e a supremacia dos brancos sobre os negros.

Recordar o modo como o corpo da menina negra púbere era tratado no período escravista nos proporciona uma reflexão sobre o percurso histórico da construção de vivências afetivo-sexuais de adolescentes negras da atualidade, uma vez que muitas crenças desse período ainda estão no imaginário de boa parte da população brasileira.

Sobre as adolescentes negras no período pós-abolição, discutiremos a seguir.

2.2 “A menina *de menor*”: adolescentes negras e legislações pós-abolição

O fim do escravismo no Brasil não trouxe consigo a liberdade plena de pessoas negras. A assinatura da lei foi seguida da inexistência de qualquer investimento público para acolher e promover a equiparação de direitos básicos a essa parcela da população brasileira, tais como educação, cultura, moradia e trabalho.

Conforme nos aponta Francelene Costa de Santana Oliveira (2014), “a libertação de homens e mulheres do jugo da escravidão foi feita de forma desequilibrada por não permitir uma melhor organização social da população negra.” (Oliveira, 2014, p. 1596).

Mary Del Priore (2012) aponta ainda que em Pernambuco, por exemplo, mesmo com o fim do escravismo, crianças e adolescentes negros seguiram realizando os trabalhos nas fazendas de açúcar, iniciando suas atividades com idades entre 7 e 14 anos e às meninas negras acrescentava-se o trabalho doméstico como outro “turno”, suplementando o trabalho no campo. (Del Priore, 2012, p. 247).

Sobre a realização de trabalhos domésticos, Bergman de Paula Pereira (2011) chama

atenção para os novos arranjos que o fim do regime escravista trouxe para que mulheres seguissem exercendo as mesmas funções, deixando de serem escravas domésticas e tornando-se empregadas domésticas (Pereira, 2011, p.1).

Oliveira (2014) ressalta que a fonte de renda da mulher negra pós-abolição não se restringia aos trabalhos domésticos para famílias brancas. A mulher negra exerceu também o trabalho de ambulante e, em alguns momentos, algumas mulheres negras tiveram sua sexualidade explorada pela prostituição (Oliveira, 2014, p.1589).

Com relação às crianças e adolescentes negras, Del Priore (2012) relata em suas pesquisas que no início do século XX, “com a explosão do crescimento urbano em cidades como São Paulo, esses jovens dejetos do que fora o fim do escravismo encheram as ruas. Passaram a ser denominados 'vagabundos'.”(Del Priore, 2012, p.247).

O fato de crianças e adolescentes negras perambularem pelas ruas praticando pequenos furtos e mendigando incomodava a ordem higienista da época. Em resposta à pressão de juristas e médicos, em 1927 foi criado o primeiro Código de Menores, intitulado *Código de Mello Matos*, que em seu texto propunha “a consolidação de leis de assistência e proteção a menores.” (Brasil, 1927).

Mas quem eram as menores? E que tipo de proteção era dada a elas?

O artigo 1º do Código de Menores de 1927 aponta a (o) menor como alguém “de um sexo ou outro sexo, abandonado ou delinquente, que tiver menos de 18 anos de idade.” [texto original] (Brasil, 1927). O Código ainda previa a internação de meninos e meninas com idade entre 7 e 18 anos em escolas de prevenção, para que nelas aprendessem ofícios (Brasil, 1927).

Essa proteção proposta no Código de Menores pouco se diferenciava do modo como crianças negras libertas pela Lei do Ventre Livre, em 1871, eram tratadas.

Del Priore (2012) relata que as crianças libertas a partir da Lei do Ventre Livre eram colocadas em institutos privados, em sua maioria de origem religiosa e nesses locais “as

crianças negras aprendiam leitura, escrita, aritmética, mas aprendiam, sobretudo, o trabalho manual capaz de reproduzir, por si só, a desigualdade social na qual estavam mergulhadas.” (Del Priore, 2012, p.237).

Em comparação com o Código de Menores, podemos analisar os artigos de 198 a 202, que apresentam os cursos disponíveis às meninas *menores*. Eram eles: “costura e trabalho de agulha, lavagem de roupa, engomagem, cozinha, manufatura de chapéu, datilografia, jardinagem, horticultura, pomicultura e criação de aves.” (Brasil, 1927).

É possível notar que, exceto a datilografia, os demais cursos oferecidos serviam para que as adolescentes aprendessem ofícios voltados apenas para trabalhos domésticos ou no campo, pouco visando, de fato, a ampliação de oportunidades para as meninas internadas nessas instituições.

Sobre os espaços de internação das menores do sexo feminino, Irene Rizzini e Irma Rizzini (2004) informam que,

O controle sobre a sexualidade feminina foi intensamente exercido nos asilos de meninas, inclusive no século XX, quando foram criados os órgãos nacionais de assistência, como o Serviço de Assistência a Menores (SAM), em 1941, e a Fundação Nacional de Bem-Estar do Menor (FUNABEM), em 1964. [itálicos nossos] (Rizzini & Rizzini, 2004, p.27).

Nas décadas seguintes, as legislações voltadas para crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social foram se aperfeiçoando, surge a Fundação Estadual para o Bem Estar do Menor (FEBEM). E, de acordo com registros dessa época, “os rostos de crianças negras são os mais frequentes nas imagens mostradas sobre a FEBEM.” (Del Priore, 2012, p.238).

Observemos que os investimentos públicos voltados para *menores* nos primeiros 80 anos do século XX tinham um olhar criminalizador quase que explicitamente voltado para o encarceramento de crianças e adolescentes negras e pobres.

2.3 Enfim, o reconhecimento da adolescência: A constituição de 1988 e o nascimento do Estatuto da Criança e do Adolescente

O início dos anos 80 é marcado pela forte presença dos movimentos sociais após vinte anos de ditadura militar no Brasil “apresentando fissuras importantes com o legado político de uma sociedade autoritária e excludente.” (Moreira, 2007, p.41).

É nesse período que mulheres negras, inspiradas por teóricas norte-americanas como Angela Davis e Kimberle Cranshaw, chamaram atenção para a ausência ou pouco espaço para se discutir raça dentro do movimento feminista e gênero no interior do movimento negro. Assim o feminismo negro começa a dar seus primeiros passos no Brasil.

É importante observar que no registro disponível na página do Acervo Digital da Cultura Negra (CultNe) (CultNe, 2013), datado de 18 de novembro de 1985, havia um compromisso do Movimento Negro com a pauta da infância e adolescência negra, uma vez que se trata de um registro de um evento em comemoração à Semana da Consciência Negra realizado na antiga FUNABEM no Rio de Janeiro e teve a presença dos militantes do Movimento Negro carioca.

Rizzini e Rizzini (2004) nos dizem que entre o final dos anos 70 e início dos anos 80 houve uma forte presença dos movimentos sociais organizados, que somados ao aumento de estudos sobre as consequências da institucionalização no desenvolvimento de crianças e adolescentes, interesse de profissionais na temática infantojuvenil e os protestos de meninos e meninas institucionalizados impulsionaram o processo de redemocratização no Brasil.

Foi uma década de calorosos debates e articulações em todo o país, cujos frutos se materializariam em importantes avanços, tais como a discussão do tema na Constituinte e a inclusão do artigo 227, sobre os direitos da criança, na Constituição Federal de 1988. Mas o maior destaque da época foi, sem dúvida, o amplo processo de discussão e de redação da lei que viria substituir o Código de Menores (1927, 1979): o Estatuto da Criança e do Adolescente (1990). (Rizzini & Rizzini, 2004, p.46).

E assim, após 490 anos desde a chegada do primeiro colonizador português ao continente sul-americano, crianças e adolescentes brancas, indígenas e negras passaram a ter um documento que garantiria a igualdade de direitos. Nasce um momento histórico e político de concepção de infância e adolescência enquanto fase peculiar de desenvolvimento e priorização da população infanto-juvenil na criação de políticas públicas e acesso às mesmas. Enfim, meninos e meninas negras deixam a categoria de menor e assumem o lugar de reconhecimento enquanto crianças e adolescentes.

No entanto, é importante salientar que, ainda que o ECA represente um importante marco legal na garantia de direitos de crianças e adolescentes, a estrutura racista em nossa sociedade ainda não foi rompida, desse modo, crianças e adolescentes negras (os) enfrentam o racismo que os/as fragiliza tanto na subjetividade, quanto no acesso aos direitos básicos preconizados por lei.

Na próxima seção discutiremos a importância de se considerar o recorte étnico-racial nas discussões sobre adolescência.

3 NEGRAS, PERIFÉRICAS E ADOLESCENTES: Questões de raça, classe e gênero numa fase peculiar de desenvolvimento

“Hoje é o último dia do mês, há dois anos atrás eu tinha só 16. Sonhava em ser tipo as Angel desfilando nas TVs. E em minha memória, o segredo da vitória estava no padrão do que eu jamais poderia ser. Aos 17, eu me descobri e em minha bagagem de menina encontrei tudo que eu sempre precisei saber: Que eu era linda! E meu cabelo, pele, traços eram, são retratos de um divino poder. Quando eu tinha 18 eu escrevi essa música aqui só pra não esquecer que eu tô fazendo amor com a minha sombra, eu tô escolhendo ter as minhas escolhas, estourando bolhas em volta de mim e pensando: 'Por que não ser assim?'” (Quando eu tinha 18, Nayra Lays).

A epígrafe acima é de composição da cantora Nayra Lays (2016), jovem negra e moradora do distrito do Grajaú, que aborda sua trajetória no processo de construção de identidade enquanto adolescente negra periférica. Por meio da música, a cantora nos apresenta parte de sua adolescência, dos 16 aos 18 anos. Do desejo de pertencer a um padrão que jamais poderia alcançar até a descoberta da beleza em seus traços, pele e cabelos para enfim sentir prazer em estar consigo.

Trazemos essa canção como ilustração para a reflexão que faremos sobre as particularidades que circundam a construção da identidade da menina adolescente negra periférica.

Informamos que não nos interessa refletir sobre adolescência de forma linear, ampla e sem recortes, pois compreendemos que raça, classe e gênero em intersecção são fundantes para construção da identidade nessa fase peculiar de desenvolvimento.

Neusa Santos Souza (1990), em seu livro *Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em acessão social* nos informa que o racismo fez com que negros e negras tomassem o branco como modelo de identificação, deste modo criou-se a ideia de que tornar-se gente significaria tornar-se branco.

Kabengele Munanga (2017) considera o racismo brasileiro como “um crime perfeito” (p.40), pois, em suas palavras, “além de matar fisicamente, ele alija, pelo silêncio, a consciência tanto das vítimas quanto da sociedade como um todo, brancos e negros.” (p.40).

Ainda de acordo com Munanga (2017),

O racismo brasileiro desmoraliza as vítimas, diminuindo sua coesão, ao dividi-las entre negros e pardos. Cria a ambiguidade dos mestiços, dificultando o processo de formação de sua identidade quando, ainda não politizados e conscientizados, muitos deixam de assumir sua negritude e preferem o ideal do branqueamento que, segundo creem, ofereceria vantagens reservadas à branquitude. A figura do mestiço e da mestiça é muito manipulada na ideologia racial brasileira, ora para escamotear os problemas da sociedade, ora para combater as propostas de políticas afirmativas que beneficiam os que se assumem como negros. (Munanga, 2017, p.41).

O racismo brasileiro, deste modo, faz com que pessoas negras muitas vezes sequer se deem conta de sua identidade étnico-racial. Não são raros os momentos em que pessoas negras verbalizam ser recente seu processo de descoberta da própria negritude. Sobre isso, deixemos que nossas entrevistadas tragam suas vivências:

(...) de uns três anos pra cá eu não sabia se eu era negra, se eu era branca, na verdade o que eu era? Sabe, eu sei que minha família é negra, só que eu não me colocava, pra mim eu não fazia parte daquela estrutura. Então pra mim, particularmente, de três anos pra cá eu comecei a saber quem eu era. (Nina, 13 anos).

(...) teve uma época da minha vida que eu não dizia que era negra, eu dizia que

era parda. Embora hoje em dia eu tenha consciência de que sou negra e tenho orgulho também. (Dandara, 17 anos).

Sueli Carneiro (2004), em um de seus textos publicados no portal Geledés (www.geledes.org.br), relatou um episódio em que o escrivão do cartório atribuiu à sua filha a cor branca, uma vez que o pai da criança era um homem branco. Após questionamento do genitor, o escrivão modificou a cor para parda. Tendo nova intervenção do pai que dizia que a filha não era parda, o escrivão irritou-se e perguntou qual a cor da criança. Ao obter a resposta *Ela é negra!* o escrivão questiona se a criança não se parece em nada com o pai. Carneiro (2004) traz essa situação para nos informar um dos modos como a sociedade vai clareando as pessoas no Brasil.

Uma de nossas entrevistadas nos traz um relato que se aproxima do que Carneiro nos conta:

[...] tinha hora que eu falava que era morena, porque os outros falavam que eu tava mentindo, que eu não era negra, que eu era morena, daí eu tinha que concordar com os outros e dizia que eu era morena. (Tereza, 15 anos).

Maria Lúcia da Silva (2017) informa que “a maior vitória do racismo está em sua dimensão psicológica, na medida em que sua lógica é reduzir, invisibilizar, criminalizar, subalternizar, inferiorizar pessoas, grupos e povos, reduzindo-os a uma condição sub-humana.” (p.82).

Duas de nossas entrevistadas são negras com pele retinta² e nos apresentam suas

vivências:

(...) eu nasci bem pretinha, pretinha, pretinha mesmo e minha família lembra até hoje. Em todas as festas que a gente tem, falam do quanto eu nasci pretinha. Minha mãe até pensou que eu não era filha dela. (Angela, 17 anos).

(...) teve um dia também que eu tava andando na Escola Técnica e os meninos do [curso] Técnico de Informática começaram a fazer um som de macaco e tinha só eu no corredor e eu fiquei muito triste porque eu pensava “Mano, não é pra mim”, mas só tinha eu, então era pra mim sim! (Carolina Maria, 17 anos).

O relato de Angela surge como evidência do que Silva (2017) nos informa quando afirma que para a criança negra, o racismo se faz presente desde o nascimento e levanta a hipótese de que

(...) o primeiro momento em que o bebê poderá se deparar com os efeitos do racismo é seu contato com o desejo e o olhar das figuras parentais (...). O racismo ronda sua existência na condição de fantasma desde o nascimento, ninguém o vê, mas ele existe. (Silva, 2017, p.84).

Como pudemos ver até o momento, o racismo atua violentamente na vida de pessoas negras desde o início da vida e trata de imprimir em crianças negras o olhar negativo sobre si mesmas (Silva, 2017).

Preocupamo-nos em dialogar sobre racismo antes de adentrar a temática da

Retinta diz respeito à pessoa negra de pele mais escura.

adolescência, pois compreendemos que muitos elementos relacionados ao olhar que adolescentes negras têm de si não surgiram no início da adolescência, com a puberdade e mudanças fisiológicas, mas fazem parte do sofrimento diante de práticas racistas iniciado na infância e que apresentou às adolescentes entrevistadas olhares negativos sobre negritude e, conseqüentemente, sobre si.

3.1 Adolescentes negras: plurais

(...) eu queria me deixar igual as meninas brancas, eu alisava meu cabelo, aí eu passava aquela maquiagem, pó de arroz, para ficar mais branca. Só que aí eu percebi “Que palhaçada é essa? O que eu tô fazendo?”, aí eu resolvi me aceitar de vez. (Sueli, 13 anos).

A adolescência é um período da vida compreendido entre a infância e a idade adulta. Sendo um conceito culturalmente construído, a compreensão de quando inicia e quando finda a adolescência pode variar.

Para delimitar o período da adolescência, utilizamos como base o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), que nos aponta a adolescência como a fase da vida que abrange a faixa etária de 12 a 18 anos (Brasil, 1990).

Com relação ao início da adolescência, Contardo Calligaris (2009) traz a seguinte reflexão:

Querendo circunscrever a adolescência no tempo, como idade de vida, chegasse facilmente a um consenso no que concerne ao seu começo. Ele é decidido pela puberdade, ou seja, pelo amadurecimento dos órgãos sexuais. Alguns dirão que a

adolescência propriamente dita começa um ou dois anos depois da puberdade, pois esse seria o tempo necessário para que, de alguma forma, o estorvo fisiológico se transformasse numa espécie de identidade adolescente consolidada. Outros dirão, ao contrário, que a adolescência começa antes da puberdade, pois esta é antecipada pela adoção precoce de comportamentos e estilos de adolescentes mais velhos. Seja como for, *a puberdade – ano a mais, ano a menos – é a marca que permite calcular o começo da adolescência.* [itálicos nossos] (Calligaris, 2009, p.19).

Para Calligaris (2009) a adolescência é nomeada como moratória, ou seja, um local de suspensão, “em que o sujeito deve ficar sob a tutela do adulto preparando-se para o sexo, o amor e o trabalho, sem produzir, ganhar ou amar; ou então produzindo, ganhando e amando, só que marginalmente.” (Calligaris, 2009, p.16).

Contudo, cabe questionarmos: a noção de moratória, trazida por Calligaris, pode ser aplicada também à adolescência negra, sobretudo a adolescência de meninas negras?

Para ilustrar a reflexão sobre meninas negras em fase de adolescência, relataremos duas situações ocorridas durante conversas informais em novembro de 2017 no IV CISES – Congresso Internacional de Sexualidade e Educação Sexual da UNESP – Rio Claro, em momentos que falávamos sobre nossa pesquisa.

O primeiro momento ocorreu durante o credenciamento para participação no IV CISES. Havia um homem branco vendendo livros com temáticas em Sexualidade, muitos deles traziam títulos sobre Educação Sexual, Direitos Sexuais e Relações de gênero. Ao nos aproximarmos da mesa, já com crachá no pescoço, o senhor nos aborda e pergunta qual assunto temos interesse. Informamos que a pesquisa de mestrado que realizamos trata de vivências afetivo-sexuais de adolescentes negras periféricas. Prontamente, o homem seleciona quatro livros que têm como tema a prostituição infanto-juvenil. Agradecemos a

disposição, questionamos o motivo de ter escolhido aqueles títulos e não algum que versasse sobre Educação Sexual, por exemplo. O senhor apontou alguns livros sobre sexualidade e nós nos retiramos do local.

A segunda situação ocorreu no mesmo dia enquanto retornávamos para o hotel que receberia as congressistas. Durante o trajeto de táxi, o motorista, um jovem branco, nos pergunta de forma cordial qual a temática de nossos estudos. Prontamente informamos que estudamos vivências afetivo-sexuais de adolescentes negras periféricas. O rapaz questiona o motivo de termos escolhido as adolescentes negras, uma vez que são as meninas brancas as mais frágeis e, conseqüentemente, mais vulneráveis que as negras. Buscando compreender sua afirmação, perguntamos o que o motivava a crer que adolescentes brancas eram mais vulneráveis em comparação às negras. O rapaz responde que, sendo as meninas negras mais resistentes à dor e tendo corpos mais fortes, sofrem menos que as meninas brancas.

Essas duas situações, ocorridas no ano de 2017, ilustram o modo como o imaginário brasileiro ainda sofre grande influência do período escravista e da visão racista e estereotipada sobre o corpo da mulher e da adolescente negra. De um lado trata-se negritude feminina e prostituição quase que como sinônimos e do outro se mantém viva a crença escravista de que corpos negros femininos suportam mais a dor.

Quanto a essa última situação relatada, recordamos a pesquisa realizada por Maria do Carmo Leal, Silvana Granado Nogueira da Gama e Cynthia Braga da Cunha (2005) que revelou o quanto mulheres e adolescentes negras vivenciam situações de racismo institucional no momento do parto, chegando a receber menos anestesia em comparação às mulheres e adolescentes brancas gestantes. A crença do motorista de táxi, de que adolescentes negras são mais fortes e conseqüentemente suportam mais a dor, faz parte de um pensamento racista que coloca meninas negras em situação de extrema vulnerabilidade e não as brancas.

Ressaltamos que ainda no estudo de Leal et al. (2005) foi observado o alto número de adolescentes negras grávidas, com baixa escolaridade, vivendo sem companheiro, além de peregrinarem em busca de atenção médica durante a gestação, mostrando novamente o quanto crenças racistas aumentam (e não diminuem) a vulnerabilidade de meninas pretas e pardas.

Já a situação do vendedor de livros do congresso científico, que crê que um estudo sobre vivências afetivo-sexuais de adolescentes negras certamente abordará a prostituição infanto-juvenil, deixa implícito o olhar de hipersexualização que mundialmente se construiu sobre meninas negras, sempre o olhar que traz o corpo negro feminino sempre adulto e reforça a negação da adolescência como um lugar de direito e construção à menina negra.

Relembremos que em julho de 2017 o site G1 publicou uma matéria intitulada “Meninas negras são vistas como ‘menos inocentes’ do que brancas, diz estudo”, apontando os resultados de uma pesquisa norte-americana realizada com 325 adultos que informaram acreditar que meninas negras seriam mais entendedoras de assuntos adultos como, por exemplo, sexo, do que meninas brancas (Nogueira, 2017). Acrescentamos a pesquisa publicada em 2015 pela ONG Promundo intitulada “Ela vai no meu barco: casamento na infância e adolescência no Brasil” (Taylor, Lauro, Segundo, & Greene, 2015), que revelou dados sobre o casamento infanto-juvenil no país, mostrando que, das 60 adolescentes casadas entrevistadas, 60% se auto declararam ter a cor de pele parda e 27% informaram serem morenas.

As pesquisas acima nos apresentam dados que mostram o modo como meninas adolescentes negras são vistas por adultos mundialmente. Na primeira pesquisa, realizada nos Estados Unidos, acredita-se que meninas negras têm mais repertório sobre sexo do que meninas brancas e na segunda, os dados mostram que a maioria das adolescentes casadas

com homens mais velhos são pardas e morenas. Cabe ressaltar que para o IBGE pessoas negras são aquelas que se autodeclaram pardas ou pretas.

Com relação ao olhar adulto sobre o corpo e a sexualidade da adolescente negra, trazemos o relato de Nina, 13 anos de idade, sobre uma situação de assédio sexual vivida por ela no distrito do Grajaú:

Quando eu passo na rua, alguns caras olham e chama 'oh, gostosa'.

Pesquisadora: São homens adultos?

Nina: Sim, homens adultos! Sabe, eu acho que eu não sou um objeto sexual, eu não sou algum tipo de carne andando na rua e as pessoas têm que aceitar, cê entendeu? (Nina, 13 anos).

Diante dessas situações, retornamos a Calligaris (2009) e o conceito de moratória atribuído à adolescência e perguntamos: de que adolescência o autor fala? Quem está nessa moratória, nesse local de suspensão, que trata o corpo adolescente como um corpo não preparado para o sexo, o amor e o trabalho?

É possível dizer que o corpo da adolescente negra é visto e tratado por adultos como um corpo não preparado para o sexo, quando os dados apontam que em 2014, 72% das vítimas de estupro têm idade entre 10 e 19 anos e dessas, 61% são negras (Goes, 2016)?

É possível dizer que adolescentes negras são vistas por adultos como pessoas que não estão preparadas para o trabalho, quando uma pesquisa realizada pelo Fórum Nacional de Prevenção e Erradicação do Trabalho Infantil (FNPTI) (Dias & Araújo, 2013) nos mostra que 73% das crianças e adolescentes que realizam trabalhos domésticos são meninas negras?

Embora concordemos com a afirmação de Calligaris (2009) de que a fase da adolescência é culturalmente construída e tem como marcador de início a puberdade, este

estudo parte da discussão de que a noção de moratória não abarca todas as peculiaridades envolvidas no desenvolvimento de meninas negras, sobretudo as periféricas da cidade de São Paulo.

Como dissemos, durante o levantamento bibliográfico de nossa pesquisa, encontramos dificuldade em obter fontes científicas que buscaram aprofundar os estudos com foco na adolescência negra, sobretudo, a adolescência negra feminina e periférica. Seguiremos nossas reflexões sobre adolescências negras com a proposta de lançarmos olhar para a construção da identidade.

Quem nos inspira para tal reflexão é a pedagoga Nilma Lino Gomes (2005), que nos diz que “nenhuma identidade é construída no isolamento. Ao contrário, ela é negociada durante a vida toda por meio do diálogo, parcialmente exterior, parcialmente interior, com os outros.” (2005, p.3).

Já Guacira Lopes Louro (2000) ao abordar a temática da identidade nos diz que,

(...) é no âmbito da cultura e da história que se definem as identidades sociais (todas elas e não apenas as identidades sexuais e de gênero, mas também as identidades de raça, de nacionalidade, de classe etc). Essas múltiplas e distintas identidades constituem os sujeitos, na medida em que esses são interpelados a partir de diferentes situações, instituições ou agrupamentos sociais. Reconhecer-se numa identidade supõe, pois, responder afirmativamente a uma interpelação e estabelecer um sentido de pertencimento a um grupo social de referência. (Louro, 2000, p.6).

Sendo assim, ao adentrar a fase da adolescência, as meninas negras trazem em seus corpos e mentes alguns construtos resultados da interação social vivenciada na infância,

muitos desses, como vimos no início dessa seção, resultados de experiências de sofrimento por conta de situações de racismo.

As adolescentes negras chegam nessa fase da vida com aprendizado prévio de como a sociedade espera que pessoas negras devam se comportar, o tom de voz permitido, além de comportamentos e regras relacionados à vida afetivo-sexual ensinados em sua interação com a família e também no ambiente escolar.

Com relação às vivências tecidas na escola, Gomes (2002) informa que a “instituição escolar é vista como um espaço em que aprendemos e compartilhamos não só conteúdos e saberes escolares, mas também valores, crenças, hábitos e preconceitos raciais, de gênero, de classe e de idade.” (p.40).

Inaldete Pinheiro de Andrade (2005), em atividades com o público infantil intituladas “Oficinas de Identidade Racial” (Andrade, 2005, p.120) notou que a ausência de referências negras importantes e atuantes como sujeitos com *status* nos livros escolares tinham contribuição direta com a fragmentação da identidade da criança negra, “que muitas vezes chega à fase adulta com total rejeição à sua origem racial, trazendo-lhe prejuízo à sua vida cotidiana.” (Andrade, 2005, p.120).

Há ausência de figuras negras de resistência ativa nos livros escolares. Nas aulas de história e nos livros, as figuras negras são apresentadas passivas no período escravista, diferentemente dos homens negros, que eram colocados como fujões, baderneiros, briguentos, lutadores de capoeira e curandeiros. Ainda há invisibilidade da grande mídia para as mulheres negras, o que contribui de forma negativa para a formação da identidade de crianças negras, impactando as vivências de negras e negros na fase da adolescência e o olhar que têm sobre seus corpos.

Para Gomes (2002), “o corpo fala a respeito do nosso estar no mundo, pois a nossa localização na sociedade dá-se pela sua mediação no espaço e no tempo” (p.41). Dessa

forma, falar de corpo negro é falar de existência negra no mundo e de formas com que esse corpo tem resistido no interior de uma sociedade racista.

Florestan Fernandes (1978) citado por Neusa Santos Souza (1990) aponta que

(...) a sociedade escravista ao transformar o africano em escravo, definiu o negro como raça, demarcou o seu lugar, a maneira de tratar e ser tratado, os padrões de interação com o branco e instituiu o paralelismo entre cor negra e posição social inferior. (Fernandes (1978) citado por Souza (1990), p.19).

A psicóloga Maria Lúcia da Silva (2005), ao tratar da temática da subjetividade da pessoa negra, informa-nos que o racismo incide diretamente “na construção do autoconceito negativo e desvalorizado que a pessoa negra tem sobre si mesmo, uma vez que ele ataca o sujeito naquilo que lhe dá consciência de identidade, seu corpo.” (p.131).

Não é coincidência que muitas pesquisas realizadas com pessoas negras (Gomes, 2002; hooks, 2005; Souza, 1990) trazem relatos de infâncias marcadas por sofrimentos causados pelo racismo no ambiente escolar.

Gomes (2002), por exemplo, reuniu, em sua pesquisa sobre salões étnicos em Belo Horizonte (MG), um número significativo de relatos de mulheres negras que apontaram a infância como uma fase de conflitos de identidade, sentimentos de rejeição e de negação ao seu pertencimento étnico-racial

Já hooks (2005) relata que “várias mulheres negras descrevem fases da infância em que estavam atormentadas e obcecadas com a ideia de ter cabelo liso, já que estavam associados à ideia de essas serem desejadas e amadas” (pp.5-6).

Sendo a escola um espaço de sociabilidade mais ampla onde, muitas vezes, a criança negra vivencia suas primeiras experiências de contato interétnico (Gomes, 2002), podemos

considerá-la um local importante de construções de redes afetivas. Ao se tornar alvo de apelidos pejorativos no ambiente escolar, a criança negra sofre fortes impactos do racismo na construção de sua identidade negra e de rejeição de seu próprio corpo, uma vez que os xingamentos expressam uma crença racista de que ser negro é ser símbolo de inferioridade.

Sempre foi assim, desde o meu “prezinho”, porque o menino me batia e me xingava também, até o oitavo ano, entendeu? Até o terceiro ano do Ensino Médio... até hoje. Então mesmo que as pessoas falem “ah, Carolina você é bonita!”, mas o que mais me doeu foi quando me disseram que eu era zoada, que eu era feia, então isso que mais dói, é o que fica na gente. (Carolina Maria, 17 anos).

Para elucidar o que Carolina Maria relata, observemos o que Silva (2005) nos diz sobre os danos psicológicos causados pelo racismo.

Ao internalizar atributos negativos, que lhe são imputados, instala-se o sentimento de inferioridade, causando constrangimento na relação com seus pares e favorecendo o aparecimento de comportamentos de isolamento, entendidos frequentemente como timidez ou agressividade. (Silva, 2005, p.131).

Cabe ressaltar que a construção da identidade negra não ocorre da mesma forma para todas as adolescentes, uma vez que cada menina tem reações diferentes diante do racismo e desenvolve estratégias para estar no mundo. Gomes (2002) informa que “embora existam aspectos comuns que remetem à construção da identidade negra no Brasil, cada vez mais se entende que, para discuti-la, precisamos sempre considerar como os sujeitos a constroem, não somente no nível coletivo, mas também no individual” (p. 47).

Ser negro no Brasil, conforme nos diz Souza (1990, p.77), é “tornar-se negro.” É passar por um processo de reconhecer-se dia a dia e assim ir percebendo e assumindo sua identidade negra.

E é justamente na adolescência que, conforme já dito, ocorrem intensas mudanças no que diz respeito à construção da subjetividade, contudo é necessário salientar que embora essa fase seja vivenciada por todas, independentemente de questões étnico-raciais, é possível compreender que o racismo vivenciado na infância gera fortes impactos na construção da subjetividade da adolescente negra.

Com relação a isso, Gomes (2002) alerta que:

(...) para o/a adolescente negro/a a insatisfação com a imagem, com o padrão estético, com a textura do cabelo é mais do que uma experiência comum dos que vivem esse ciclo da vida. Essas experiências são acrescidas do aspecto racial, o qual tem na cor da pele e no cabelo os seus principais representantes. Tais sinais diacríticos assumem um lugar diferente e de destaque no processo identitário de negros e brancos brasileiros. (Gomes, 2002, p.47).

Além do recorte racial, que exige um olhar específico sobre as vivências de adolescentes negras, acrescentamos que é importante trazermos o recorte de gênero para análise, pois vivenciar a adolescência sendo negra do gênero feminino é ter em seu corpo e em sua subjetividade as expressões da interseccionalidade³ de duas opressões: racismo e machismo.

³O termo interseccionalidade foi cunhado por Kimberle Crenshaw (2012) nos Estados Unidos, na década de 1980, para explicar que as vivências de mulheres negras não poderiam ser compreendidas discutindo as discriminações raciais separadamente das discriminações de gênero. O machismo e o racismo afetam a vida de mulheres negras de forma interseccional e não se pode separar uma vivência de outra.

Muitos foram os mitos criados sobre a existência negra, sobretudo com relação à sexualidade de meninas e mulheres negras. Como vimos na primeira seção, durante o período escravista, bastava que o corpo da criança negra apresentasse os primeiros sinais de puberdade para que passasse a ser visto como objeto sexual do senhor e objeto de ciúmes e ódio da senhora (Giacomini, 1988).

Numa sociedade de base racista e machista que ainda reforça a ideia de hipersexualização de corpos negros e que tem como padrão de beleza um corpo feminino juvenil, ser adolescente negra pode significar estar vulnerável, no que diz respeito às suas vivências afetivo-sexuais.

Vale ressaltar que a vivência negra adolescente não é vivida de modo uniforme, existem adolescentes negras que resistem e driblam as estatísticas diariamente e utilizam estratégias de resistência em seus espaços de convívio comunitário.

Desses três anos pra cá eu entrei aqui no Centro de Convivência e muita coisa mudou pra mim (...). Aí desses três anos pra cá eu comecei a fazer várias peças [teatrais], comecei a participar mais dessas coisas relacionadas à cultura. Conheci várias pessoas que mexem com essa arte e tudo (...) e sabe, muita coisa mudou na minha vida. A última apresentação que eu fui fazer, ela se envolveu mesmo com os negros e com a escravidão, e assim, particularmente gostei muito de falar sobre esse tema e eu acho que as pessoas que estavam lá gostaram de ouvir sobre o que eu tinha que falar. (Nina, 13 anos).

hooks (1995) em seu texto *Intelectuais negras*, ao partilhar sua experiência pessoal do período da adolescência, ilustra a reflexão que buscamos fazer sobre a singularidade na

trajetória de cada adolescente negra em busca de uma identidade e lugar de acolhimento nessa fase da vida. A autora nos diz:

Na adolescência passei por um processo de conversão que me impeliu para a vida intelectual. Constantemente perseguida e castigada na família, as tentativas de entender meu destino me empurraram para o pensamento analítico crítico. Manter-me à distância de minha experiência de infância, vê-la com um distanciado desligamento, foi para mim uma estratégia de sobrevivência. Para usar um termo psicanalítico de Alice Miller, tornei-me minha própria testemunha esclarecida, capaz de analisar as forças que atuavam sobre mim e através dessa compreensão manter um senso separado de mim mesma. Ferida, às vezes perseguida e vítima de abusos, encontrei na vida intelectual um refúgio, um abrigo onde podia experimentar uma sensação de atuar sobre as coisas e com isso construir minha identidade subjetiva. (hooks, 1995, p.466).

Os relatos da adolescente Nina, de 13 anos e de bell hooks (1995) apresentam a estratégia de sobrevivência adotada por elas na consolidação da identidade negra durante a adolescência. Quanto a isso, Gomes (2002) nos diz que “a reação de cada pessoa negra diante do preconceito é muito particular. Essa particularidade está intimamente ligada à construção da identidade negra e às possibilidades de socialização e informação” (p.46).

Nina pelo teatro, hooks pela academia, ambas construindo suas identidades e reagindo diante do racismo. Mas o que ocorre quando se está na faz da adolescência e a construção da identidade é atravessada pelo olhar do outro e pelo apaixonamento?

A seguir apresentaremos, de forma breve, reflexões sobre as trajetórias afetivo-sexuais e adolescência.

4 ADOLESCENTES NEGRAS E TRAJETÓRIAS AFETIVO-SEXUAIS: Breve olhar

(...) eu já me apaixonei, né? E pra mim, mano, é uma sensação muito legal, muito boa. E eu fico imaginando “Caramba! Como será essa sensação quando é recíproco?” Porque até então eu nunca me apaixonei e o garoto se apaixonou por mim, né? Nunca me aconteceu isso. E se é tão bom só pra mim, imagine quando duas pessoas se gostam. Deve ser maravilhoso, não é? (Carolina Maria, 17 anos).

Conforme dito na Seção 1, o percurso histórico das adolescentes negras no Brasil foi marcado pela negação da adolescência enquanto período do desenvolvimento de meninas negras. Com a promulgação do ECA a adolescência foi reconhecida como fase peculiar de desenvolvimento de todas as pessoas com idade entre 12 e 18 anos, independentemente da classe social, raça ou gênero, contudo os dados estatísticos sobre as adolescentes negras brasileiras mostram como essas meninas ainda se encontram em situação de vulnerabilidade social e sexual.

Ao analisar as experiências afetivas de mulheres negras de Salvador (BA), Pacheco (2013) destacou a importância de considerar os fatores raça e gênero para analisar as práticas culturais e históricas no que diz respeito às escolhas afetivas.

(...) as experiências afetivas das mulheres negras de Salvador não podem ser (des)corporificadas (...) de um contexto específico, no qual as relações de dominação – leiam-se entre negros e brancos, homens e mulheres – formaram a base de sua constituição. (Pacheco, 2013, p.23).

Cabe destacar que, para dialogarmos sobre afetividade, é preciso que tenhamos a dimensão de que “a afetividade foi relegada por muito tempo dos discursos científicos sobre as experiências de povos racializados, como consequência do racismo epistêmico.” (Pacheco, 2016, p.2643).

Assim, falar de afetividade tendo como recorte as questões de gênero, classe e principalmente de raça é algo recente na academia e isso se reflete na escassez de produções científicas sobre a temática.

Concordando com Lemos (2016): “adotamos o conceito de afetividade como um campo possível que abriga várias formas de relações sociais, entre essas as relações de gênero, raça, classe, sexualidade e outras categorias, sendo indissociáveis.” (Lemos, 2016, p.2645).

Ressaltamos que, além dos fatores raciais e de gênero, é de suma importância considerar a lógica adultocêntrica de nosso país, que Patricia Guarany Cunha Santos (2015) aponta como uma lógica que valida o poder do adulto invisibilizando o desejo, a voz e escolha de crianças e adolescentes.

A validação de atitudes machistas e adultocêntricas, que validam o poder do homem adulto sobre o corpo de adolescentes negras, pode ser ilustrada no fragmento da entrevista de Nina, 13 anos, que apresentamos na Seção 2. Recordemos suas palavras:

Nina: quando eu passo na rua, alguns caras olham e chama “oh, gostosa”.

Pesquisadora: São homens adultos?

Nina: Sim, homens adultos! Sabe, eu acho que eu não sou um objeto sexual, eu não sou algum tipo de carne andando na rua e as pessoas têm que aceitar, cê entendeu? (Nina, 13 anos).

Deste modo, adolescentes negras têm suas vivências afetivo-sexuais atravessadas por experiências que, por vezes, podem fazer com que se deparem com práticas racistas, machistas e adultocêntricas sobre seus corpos.

Diante de tantos fatores que vulnerabilizam o desenvolvimento afetivo-sexual de adolescentes negras, é possível pensar em vivências afetivo-sexuais saudáveis?

Um dos textos mais inspiradores durante nosso percurso nessa pesquisa foi “Vivendo de amor”, de bell hooks (2010). Nele, a autora discorre sobre a afetividade, mais especificamente, sobre a potência curativa do amor para pessoas negras. Com linguagem simples e acessível, hooks propõe que façamos uma reflexão sobre o modo como o período escravista gerou profundas feridas em negros e negras, sobretudo no que diz respeito à construção dos afetos.

O amor, no olhar de hooks, não possui o mesmo viés do amor-romântico, mas trata-se de uma potência de cura, de autocuidado, de reconhecimento da importância da/o outra/o e do afeto mútuo. Vejamos o trecho a seguir:

Geralmente buscamos ajuda em momentos de crise. Mas podemos evitar a crise se reconhecermos nossa dificuldade em lidar com uma determinada situação. Para as mulheres negras acostumadas a manter o controle das situações, pedir ajuda pode significar a prática do amor, da confiança, reconhecendo que não precisamos resolver tudo sozinhas. (hooks, 2010).

Assim, podemos refletir que amar também traz o significado de reconhecer no a/o outra/o parte de nosso processo de autocuidado e cura. Cabe ressaltar que o amor, apresentado por hooks (2010), não se restringe a uma vivência individual, mas também é

elemento importante no processo de fortalecimento das meninas e mulheres negras no enfrentamento ao racismo e sexismo.

5 ASPECTOS METODOLÓGICOS

Até esse ponto do texto, trouxemos reflexões sobre afetividade, negritude, gênero, classe e adolescência, como forma de apresentar nosso olhar sobre tais questões e também o que nos dá base teórica. Agora, tendo apresentado nosso *chão* teórico, chegamos à fase de apresentação dos aspectos metodológicos, a apresentação de nosso *jeito de caminhar* no percurso dessa pesquisa.

Sendo essa uma pesquisa sobre questões subjetivas relacionadas às vivências afetivo-sexuais de seis adolescentes negras periféricas, sua natureza é qualitativa.

De acordo com Maria Cecília de Souza Minayo (2002) as pesquisas qualitativas dentro das ciências sociais se preocupam com um nível de realidade que não pode ser quantificado, uma vez que trabalha com “universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.” (p.21-22).

Dito isso, apresentaremos a seguir os recursos metodológicos que utilizamos em nossa pesquisa.

5.1 História de Vida e Grupo Focal como recursos metodológicos

Para a coleta de informações nessa pesquisa utilizamos dois recursos metodológicos: Grupo Focal e História de Vida.

Grupo Focal, de acordo com Bernardete Angelina Gatti (2005), trata-se de “um grupo 'focalizado', no sentido de que envolve algum tipo de atividade coletiva – como assistir a um filme e conversar sobre ele, examinar um texto sobre algum assunto, ou debater um conjunto

particular de questões.” (Gatti, 2005, p.7).

No caso de nossa pesquisa, utilizamos o Grupo Focal como instrumento de diálogo e reflexão com as seis adolescentes sobre pontos em comum levantados durante suas entrevistas individuais para coleta de suas Histórias de Vida.

Com relação ao recurso metodológico de História de Vida, trata-se de “um relato retrospectivo da experiência pessoal de um indivíduo, oral ou escrito, relativo a fatos e acontecimentos que foram significativos e constitutivos de sua experiência vivida.” (Chizzotti, 2006, p.101).

Já para Minayo (2002) a História de Vida é um “instrumento privilegiado para se interpretar o processo social a partir das pessoas envolvidas, na medida em que se consideram experiências subjetivas como dados importantes que falam além e através delas.” (Minayo, 1998, p.126).

Neusa Santos Souza (1990) em sua pesquisa com pessoas negras em ascensão social utilizou o recurso metodológico do estudo de caso, contudo para tal utilizou a História de Vida como técnica de organização do material coletado. Souza (1990) estabeleceu como critério a coleta de dez histórias de vida de pessoas que partilhavam algumas características em comum: todas eram negras, viviam no Brasil e estavam em processo de ascensão social.

Souza (1990) aponta que:

(...) saber-se negra é viver a experiência de ter sido massacrada em sua identidade, confundida em suas perspectivas, submetida a exigências, compelida a expectativas alienadas. Mas é também, sobretudo, *a experiência de comprometer-se a resgatar sua história e recriar-se em suas potencialidades* [itálicos nossos] (Souza, 1990, p.18).

Ao adotarmos esse recurso metodológico estamos não só concordando com Souza

(1990), mas também buscando dar ouvidos às vozes das seis adolescentes negras entrevistadas em seu processo de resgate histórico e recriação de suas potencialidades.

Podemos observar o potencial desse recurso no relato de Nina, uma das adolescentes entrevistadas:

Essa pesquisa me ajudou a “renascer” novamente! Ela me fez bem e me ajudou a abrir meus caminhos e a minha visão de quem eu sou. (Nina, 13 anos).

O modo como ocorreram as entrevistas para coleta de Histórias de Vida das adolescentes e o Grupo Focal de Finalização será apresentado mais adiante.

A seguir apresentaremos o distrito do Grajaú, território de nossa pesquisa e de moradia das seis entrevistadas.

5.2 Grajaú: o território da pesquisa

O Grajaú é um dos três distritos que compõe a subprefeitura da Capela do Socorro e está localizado no extremo sul da capital paulista, mais precisamente a vinte e seis quilômetros do centro de São Paulo, considerando-se o percurso do marco zero da cidade, na Praça da Sé, até o número Um da Avenida Dona Belmira Marin, segundo cálculos do aplicativo eletrônico Google Maps (<https://maps.google.com.br/>).



Figura 2. Do Grajaú à Sé. Fonte: São Paulo (cidade) (2018).

De acordo com dados da Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (SEADE), o Grajaú é o terceiro maior distrito da capital paulista, com cerca de 90 km² de extensão, além de ser o mais populoso, contabilizando 372.467 habitantes (SEADE, 2014).

De acordo com o relatório final do Mapa da Juventude de 2014, organizado por Marcelo Weishaupt Proni e Estela Maria Garcia Pinto da Cunha, da Universidade de

Campinas (UNICAMP), em 2014, é também no Grajaú que reside o maior número de pessoas com idade entre 15 e 29 anos, totalizando 103.260 adolescentes e jovens residentes no distrito, sendo que desse total 28,7% são adolescentes e jovens do sexo feminino e negras (Proni & Cunha, 2014).

Assim, o Grajaú é o terceiro distrito da cidade de São Paulo com o maior número de adolescentes e jovens negras, ficando atrás somente do distrito do Jardim Ângela (31%), na zona sul, e Lajeado (29,8%), na zona leste (Proni & Cunha, 2014).

Olha, eu acho o Grajaú bem tranquilo. Eu gosto daqui, vivi sempre aqui. Assim, eu não trocaria aqui por outra região, aqui tem bastante diversidade, sabia? Tipo, tem pessoas brancas, tem pessoas negras, tem pessoas até asiáticas aqui, as pessoas são legais aqui, se respeitam, sempre tem uns, mas acho que aqui é uma região bem acolhedora. (Angela, 16 anos).

Não é somente pelo número expressivo de habitantes que o Grajaú foi escolhido como local para a realização dessa pesquisa. No ano de 2013, a Rede Nossa São Paulo realizou uma pesquisa intitulada *Mapa da desigualdade* (Cunha, 2013), na qual o distrito do Grajaú teve classificação ruim em 32 dos 55 critérios estabelecidos na pesquisa. Contudo, é importante salientar que os critérios estabelecidos dizem respeito à ausência de políticas públicas que promoveriam qualidade de vida à população, como por exemplo, o acesso às obras literárias, já que, de acordo com a pesquisa, há uma média de 0,01 livro para cada habitante do Grajaú.

Na contramão da informação de que o bairro Grajaú seria um dos piores lugares para se viver, jovens e adolescentes da região organizam-se coletivamente promovendo atividades culturais e discussões políticas, expressando orgulho de pertencimento territorial e mostrando que seu descontentamento vem da invisibilidade que o Estado tenta promover ao investir

menos em regiões periféricas. Essas expressões, mencionadas por nós, podem ser constatadas nos documentários “Grajaú, onde São Paulo começa” (Sena, 2011), “Grajaú em foco” (Alexandrino, 2015), “Grajaú conta Dandaras, Grajaú conta Zumbis” (Sasso & Sasso, 2016), além da divulgação de notícias de eventos nos veículos de mídia alternativa local, como é o caso do site “Periferia em Movimento” (<http://periferiaemmovimento.com.br/>).

É uma coisa assim, que você vê que tá mudando, tá construindo, (...) você vê que tem vários projetos, são projetos bons que estão indo pra frente, mas às vezes as pessoas tiram conclusão porque tem assalto, só porque essa é a notícia que sai no jornal, que aqui é ruim, mas não é. Tem muitas coisas que são boas aqui, você entende? (Nina, 13 anos).

A organização da juventude periférica do distrito do Grajaú em coletivos como forma de resistência e reivindicação política dialoga com o que Raquel Rolnik (1988) aponta:

Para os moradores favelados o clamor pela intervenção do Estado se formula com a exigência do reconhecimento a este grupo de condição de cidadão e, portanto merecedor da infraestrutura, equipamentos públicos e habitação digna. (Rolnik, 1988, p.69).

O Grajaú é um distrito extenso e populoso que, de um lado, é classificado como o pior lugar para se morar na cidade de São Paulo, devido baixo investimento em políticas públicas e ,de outro, mobiliza-se de forma expressiva valorizando o pertencimento à região e lutando para que o Estado garanta condições básicas de vida para cada um de seus 372.467 habitantes.

5.3 Primeiros passos, aproximações

Em respeito à Resolução nº 466 de 12 de dezembro de 2016, do Conselho Nacional de Saúde (CNS) e visando o respeito à dignidade humana, o projeto de pesquisa foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UNESP – Araraquara em outubro de 2016. Ressaltamos que somente após aprovação do CEP iniciamos contatos de aproximação com as seis adolescentes entrevistadas.

Com o propósito de entrevistar adolescentes negras, moradoras do distrito do Grajaú, optamos por contatar alguma Instituição Social que fosse referência no território do Grajaú e que já realizasse trabalho direto com esse público. Escolhemos nos aproximar de uma Instituição de fins não lucrativos que atua há 32 anos no atendimento a cerca de 200 crianças e adolescentes da região da Capela do Socorro (que abrange os distritos de Cidade Dutra, Socorro e Grajaú).

No contato com essa Instituição foi necessária a assinatura de um Termo de Autorização da Pesquisa (Apêndice F) por parte da coordenação de projetos do local.

Para selecionarmos as adolescentes que fariam parte da pesquisa, utilizamos os seguintes critérios: a) entrevistariamos somente adolescentes que autodeclarassem ser negras (pretas ou pardas); b) pertencer à faixa etária de 13 a 17 anos; c) ter nascido ou morar a maior parte da vida no distrito do Grajaú.

Informamos à Instituição os critérios de inclusão e exclusão acima mencionados e pedimos o agendamento de uma reunião de apresentação da pesquisa com todas as adolescentes que estivessem dentro do perfil.

A reunião ocorreu no primeiro sábado de fevereiro de 2017 na sede de um Centro Comunitário parceiro da Instituição contatada e estavam presentes três adolescentes com idades entre 13 e 17 anos, além de três jovens com idade entre 19 e 22 anos, todas

participantes de um projeto específico de formação de adolescentes e jovens multiplicadores de prevenção à gravidez precoce e Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST). Devido ao recorte etário da pesquisa, apenas três pessoas dessa reunião estavam dentro do perfil, contudo nos dias seguintes ao encontro, o filho de uma adolescente de dezessete anos adoeceu e ela precisou abrir mão da participação na pesquisa.

Assim, das seis adolescentes entrevistadas em nossa pesquisa, apenas duas são vinculadas à Instituição contatada. São elas: Sueli, 13 anos e Tereza, 15 anos.

Compreendendo que o distrito do Grajaú possui um número elevado de artistas e Coletivos⁴ Culturais que realizam diversos trabalhos junto ao público adolescente, refletimos ser importante contatá-los para apresentar a pesquisa e pedir indicação de garotas que estivessem dentro dos critérios e pudessem se interessar pelo nosso tema de estudo.

Assim, realizamos contato com uma cantora moradora da região e um Coletivo de Teatro formado por jovens moradoras/es do Grajaú que, desde 2014, realiza apresentações teatrais nas ruas do distrito com peças que debatem temas do cotidiano periférico, enfatizando questões relacionadas ao trabalho, juventude, sexualidade, raça e gênero.

Sobre a cantora contatada, é importante mencionar que ela reside no distrito de Cidade Dutra, mas realiza apresentações musicais no Grajaú, além de promover seu trabalho como trançadeira, tendo foco de atuação junto às meninas e mulheres negras moradoras dessa periferia.

Os contatos com o Coletivo de Teatro e com a cantora se iniciaram em fevereiro de 2017 por meio de mensagem eletrônica via rede social *Facebook*. Os objetivos da pesquisa foram explicados e o Coletivo nos sugeriu contatar dez adolescentes moradoras do Grajaú vinculadas a elas/es e que estavam dentro do perfil que informamos. Já a cantora nos indicou uma adolescente.

⁴ Coletivo é o nome dado a um grupo de pessoas que se reúnem em prol de um objetivo comum, seja na realização de atividades culturais, sociais e/ou políticas.

Foram enviados *e-mails* a todas as adolescentes sugeridas, explicando a proposta da pesquisa e propondo um encontro com cada uma delas e seus responsáveis para apresentação detalhada. Recebemos resposta positiva de seis adolescentes, contudo, devido à dificuldade de conciliar horários, apenas quatro delas conseguiram dar continuidade à participação. São elas: Nina, Angela e Dandara, indicadas pelo Coletivo de Teatro, e Carolina Maria, indicada pela cantora.

Cabe informarmos que realizamos tentativas de aproximação com outras adolescentes moradoras do distrito do Grajaú, tanto em eventos culturais como também por indicação das participantes da pesquisa, contudo houve dificuldade em contatar ou dialogar com os adultos responsáveis por elas, que ora informavam não ter tempo para conversar devido à jornada intensa de trabalho, ora apresentavam resistência em permitir a participação das adolescentes em uma pesquisa de um Programa de Pós-graduação em Educação Sexual, crendo se tratar de algum tipo de incentivo ao sexo. Também houve momentos em que algumas adolescentes nos contataram verbalizando ter desejo em participar da pesquisa, mas que não gostariam que seus pais fossem informados de sua participação.

Quanto a essas situações, respeitando o que preconiza o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), não foi possível contar com a participação de adolescentes que não tinham a assinatura de seus responsáveis legais no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) antes do início do processo de coleta de dados.

Informamos que todas as adolescentes participantes também preencheram um Questionário Sociodemográfico elaborado exclusivamente para essa pesquisa.

Outro ponto fundamental de destaque é a informação de que em nosso projeto de pesquisa estava previsto um Grupo Focal Inicial com as seis adolescentes, mas devido à rotina diária comprometida com atividades escolares (horários de aula, cursos

profissionalizantes) e domésticas (cuidar dos sobrinhos, limpar a casa e preparar refeição) as adolescentes não puderam participar de um encontro coletivo.

Desse modo, adequando nossa pesquisa à realidade das seis adolescentes sem prejudicar a pesquisa, optamos por iniciar as entrevistas individuais e realizar apenas um Grupo Focal de Finalização do processo numa data pactuada previamente com as seis adolescentes.

Destacamos que as entrevistas e o Grupo Focal de Finalização tiveram roteiros exclusivamente elaborados, que se encontram disponíveis nos Apêndices D e E desta dissertação.

Durante os meses de fevereiro e março de 2017 foram realizadas as seis entrevistas e no dia 21 de abril de 2017 realizamos o Grupo Focal de Finalização, no qual quatro adolescentes estiveram presentes e duas não puderam comparecer.

Por indicação da banca de qualificação ocorrida em 3 de agosto de 2017, tentamos contato com as participantes durante o mês de setembro do mesmo ano, visando realizar mais um encontro coletivo, contudo quatro das seis adolescentes estavam em fase preparatória para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e não possuíam disponibilidade de horário.

Tanto os dados coletados nas entrevistas quanto no Grupo Focal de Finalização foram registrados por meio de gravação de áudio feita em máquina do modelo *Samsung Galaxy 6230*, com a ciência e consentimento das adolescentes e de seus responsáveis legais.

5.4 Carolina Maria, Nina, Teresa, Dandara, Angela e Sueli⁵: formas plurais de ser menina, negra e periférica

⁵ Em respeito ao sigilo das entrevistadas, os nomes expostos nessa dissertação são fictícios.

Foram seis meses (de outubro de 2016 a abril de 2017) percorrendo o distrito do Grajaú, buscando nos aproximar de meninas que quisessem e pudessem partilhar suas histórias de vida conosco e participar dessa pesquisa.

Foram seis Histórias de Vida de seis adolescentes com idades entre 13 e 17 anos, moradoras do distrito do Grajaú que se autodeclararam negra desde o primeiro contato.

Seis meninas que nos permitiram aproximar de parte de sua trajetória de vida e refletir sobre suas experiências afetivo-sexuais.

Seis olhares sobre si e sobre construções de afetos.

Antes de iniciar as apresentações de cada adolescente, é fundamental ressaltar que o Grajaú possui uma extensão territorial de 90 km², sendo assim, ainda que as participantes dessa pesquisa partilhem o fato de serem adolescentes, negras e moradoras do mesmo distrito, cada uma delas nos mostra, por meio de suas histórias de vida singulares, que as vivências negras e periféricas são plurais, ainda que ocorram dentro do mesmo território.

Devido à extensão do distrito do Grajaú, nossa pesquisa buscou contemplar o olhar de adolescentes negras moradoras de pontos distintos dessa região.

A seguir traremos uma tabela com os dados sociodemográficos das participantes, construída com base nas respostas dadas por elas no Questionário Sociodemográfico.

Tabela 1

Dados sociodemográficos das atrizes da pesquisa

Nome	Raça/ Etnia declarada	Idade	Há quanto tempo mora no Grajaú	Escolaridade	Tipo de moradia	Com quem mora?	Quantas pessoas trabalham?	Renda mensal
Sueli	Negra	13 anos	Desde o nascimento	09º ano do Ensino Fundamental (Escola privada)	Própria	Mãe, pai e avó materna.	Duas (mãe e pai)	Entre dois e três mil reais.
Tereza	Negra	15 anos	Há 07 anos	02º ano do Ensino Médio (Escola pública)	Própria	Pai e um irmão mais velho.	Uma (pai)	Entre mil e dois mil reais
Ângela	Negra	16 anos	Desde o nascimento	03º ano do Ensino Médio (Escola pública)	Própria	Mãe e irmão.	Duas (mãe e irmão)	Entre dois mil e três mil reais.
Nina	Branca/ Negra ⁶	13 anos	Desde o nascimento	Cursando 08º ano do Ensino Fundamental (Escola pública)	Alugada	Pai, mãe e irmão mais novo.	Duas (pai e mãe)	Entre mil e dois mil reais.
Dandara	Negra	17 anos	Há 16 anos e meio	Ensino Médio concluído em 2016 – <i>Cursinho popular</i> gratuito (Escola pública)	Própria	Mãe.	Nenhuma	Até mil reais.
Carolina Maria	Negra	17 anos	Há 12 anos	03º ano do Ensino Médio Técnico em Química (escola técnica pública)	Própria	Pai, mãe e irmão.	Duas (mãe e pai)	Entre mil e dois mil reais.

Nas próximas subseções apresentaremos o modo como conhecemos Sueli, Tereza, Angela, Nina, Dandara e Carolina Maria.

5.4.1 Sueli

Sueli nasceu no distrito do Grajaú, tem treze anos de idade, é estudante de uma escola privada próxima à sua casa e foi a primeira adolescente que entrevistamos. Embora tenha

⁶ Adiante, explicaremos a autodeclaração “branca/negra” feita por Nina.

sido indicada pela Instituição contatada, a adolescente não está envolvida nas atividades e nem tem proximidade com as demais meninas que frequentam o local. É filha de uma mulher negra que é liderança comunitária do Grajaú e que exerce a função de secretária num Centro Comunitário parceiro da Instituição.

A adolescente reside com o pai, mãe e avó materna, é filha caçula, tem uma irmã de 22 anos, que mora com o marido e a filha de três anos de idade em outra casa no mesmo bairro.

A mãe de Sueli, ao ter conhecimento dos objetivos da pesquisa, informou à filha que prontamente se interessou em participar. Sueli nos contou que autodeclara ser negra há pouco tempo, pois, por ter a pele clara, sempre pensou ser morena. Diz ter descoberto recentemente a existência da militância negra no Grajaú e disse ter desejo de aproximar-se de coletivos que discutam negritude.

A entrevista ocorreu em sua casa, numa tarde de sábado, no mesmo dia da apresentação da pesquisa no Centro Comunitário. A adolescente e sua mãe prepararam uma mesa de café para nos receber, contudo durante a gravação a adolescente solicitou que conversássemos na sala sem a presença de sua família.

Após a conversa com Sueli, fomos convidadas a tomar café com seus familiares. Na ocasião, a mãe da adolescente informou que em 2015 sua filha foi agredida verbalmente por um grupo de meninas, moradoras do bairro, que a chamaram de “cabelo de vassoura”. Ao perguntarmos à adolescente se ela gostaria de falar sobre isso, Sueli informou que esse episódio não foi relevante e por isso não o mencionou na entrevista.

No dia do Grupo Focal de Finalização, Sueli não pôde comparecer devido a complicações com o carro de sua mãe durante o trajeto. Seu codinome foi escolhido por nós em homenagem à Sueli Carneiro, militante na luta antirracismo, filósofa e escritora.

5.4.2 Tereza

Tereza é uma adolescente de 15 anos de idade que, após o divórcio dos pais em 2016, mora com o pai e um irmão no distrito do Grajaú. O encontro com Tereza ocorreu numa sala da Instituição que ela frequenta como educanda e multiplicadora de ações de prevenção em sexualidade. A adolescente, negra de pele clara, “descobriu-se” negra recentemente por meio de diálogos com outras adolescentes da Instituição sobre raça e etnia.

Tereza frequenta academia de musculação regularmente, diz estar gorda e cansada das agressões verbais sofridas na escola desde a infância. Mostrou-se interessada na pesquisa desde o primeiro contato que tivemos e prontamente pediu permissão para convidar outras amigas, contudo nenhuma delas compareceu no encontro de apresentação da pesquisa.

A rotina de Tereza consiste em ir para a escola, frequentar atividades de discussão sobre Sexualidade e Prevenção na Instituição e Centro Comunitário e também o cuidado com a limpeza de sua casa.

No dia agendado para a primeira conversa, a adolescente recebeu uma ligação telefônica de seu irmão, informando que sua prima recém-nascida havia falecido. Tereza levantou-se da cadeira informando que precisaria ir embora cuidar da família. Uma semana depois, via aplicativo *whatsapp*, informou data, horário e local onde poderíamos nos encontrar para a gravação de sua entrevista.

Tereza também não compareceu ao Grupo Focal de Finalização, pois estava junto com a mãe de Sueli quando o carro quebrou. O codinome de Tereza também foi escolhido por nós e trata-se de uma homenagem em memória da Rainha Tereza de Benguela (Viva Favela, 2014), líder do quilombo de Quariterê no Mato Grosso do século XVIII.

5.4.3 Angela

Angela é uma adolescente negra da pele retinta, reside com sua mãe e irmão no distrito do Grajaú desde o nascimento. É uma adolescente de 16 anos, cabelos negros compridos, alisados e voz sempre com tom baixo.

O contato com Angela foi feito via aplicativo *whatsapp*. A adolescente nos encontrou numa sorveteria próxima ao Centro Cultural “Palhaço Carequinha” para primeira conversa sobre a pesquisa. Durante a explicação dos objetivos, Angela nos contava sobre sua facilidade em fazer novas amizades, sobretudo no ambiente escolar.

O local escolhido por ela para a entrevista foi no *calçadão* do Centro Cultural Palhaço Carequinha naquela mesma tarde, após sua mãe realizar a assinatura do TCLE.

Angela, na ocasião, informou-nos sobre as situações de racismo que vivenciou na infância e início da adolescência utilizando-se de chistes e em alguns momentos buscando justificar o comportamento racista dos amigos como uma *brincadeira inocente*.

Angela preferiu não escolher seu codinome, assim optamos por homenagear a autora Angela Davis (Hailer, 2015), filósofa, professora da Universidade da Califórnia e militante negra.

5.4.4 Nina

Nina, 13 anos de idade, é atriz, compositora e cantora. Tem um timbre de voz grave.

Nasceu no distrito do Grajaú e reside com seus pais e irmão caçula numa casa dentro de um Centro de Convivência de Crianças e Adolescentes (CCA). Nina é católica e frequenta grupo de jovens de sua igreja, também participa de peças teatrais, muitas delas abordando a questão religiosa e também a negritude.

Nossa aproximação se deu por meio do Coletivo de Teatro em meados de março de 2017. Em contato telefônico e via rede social *Facebook*, fomos convidadas pela mãe de Nina a apresentar a pesquisa em sua residência num sábado chuvoso.

A adolescente de cabelos crespos, um pouco acima dos ombros e pele clara, informou o quanto lhe angustia o fato de ser negra e ter a pele *branca*⁷. Sua mãe nos contou sobre as dificuldades que a filha enfrenta na família por optar em ter os cabelos naturalmente crespos.

A entrevista com a adolescente aconteceu no quintal de sua casa. Antes da gravação da entrevista, ao preencher o Questionário Sociodemográfico, Nina respondeu à pergunta “*Qual sua raça/etnia?*” como sendo “*branca/negra*”, atribuindo sua raça à cor branca e sua etnia à negra. Mais adiante, trataremos esse tema para análise.

A adolescente compareceu ao Grupo Focal de Finalização, contudo deixou que escolhêssemos seu codinome. Decidimos chamá-la de Nina, inspiradas na cantora e pianista Nina Simone (Cultura Mix, 2014), que em suas canções abordava a luta da população negra norte-americana.

5.4.5 Dandara

Antes mesmo de informarmos à adolescente que sua identidade seria preservada na pesquisa, Dandara já trouxe seu codinome definido. “*Dandara! Acho forte, como eu sou*”.

Dandara!

Adolescente, 17 anos, lésbica e militante do movimento LGBT na cidade de São Paulo, Dandara chegou ao distrito do Grajaú aos seis meses de idade, nos braços da mãe que fugia do marido violento que a ameaçara de morte.

Desde então reside com a mãe, mas tem seis irmãos mais velhos com idades entre 32 e 18 anos. A renda familiar provém do Programa Bolsa Família e trabalhos esporádicos feitos

⁷ “Pele branca” foi o modo como Nina se nomeou.

pela adolescente.

Dandara tem estatura baixa, pele negra com tom claro, cabelos crespos curtos, concluiu o Ensino Médio no ano de 2016, é palhaça, cantora e compositora. Era evangélica até os 13 anos, quando assumiu sua orientação afetivo-sexual e foi expulsa de casa e da igreja. Diz sentir falta de frequentar o Templo, mas, ainda que não aceite, diz compreender os motivos de não poder retornar.

Dandara, nome escolhido pela própria adolescente em homenagem e admiração à Dandara dos Palmares (Henrique, 2011), quilombola na Serra da Barriga em Alagoas do século XVII.

5.4.6. Carolina Maria

O fato de Carolina Maria estar cursando Ensino Médio com ênfase em Química fez com que sugeríssemos a ela o codinome de Mae Jemison (Mulheres na Ciência, 2013), mulher negra, engenheira química e astronauta, mas Carolina Maria foi enfática: *“Eu gosto mesmo é de Carolina Maria de Jesus, uma grande mulher, pobre, negra e favelada, uma das maiores escritoras brasileiras”*. Assim, aceitamos a vontade da adolescente e a chamaremos de Carolina Maria, em homenagem à escritora Carolina Maria de Jesus (Geledés, 2016), referência negra na literatura brasileira com obras traduzidas para 14 línguas.

A adolescente nos foi apresentada por uma cantora da região. O vínculo entre Carolina Maria e a cantora se deu devido ao processo de transição capilar⁸ em que a adolescente se encontrava. Carolina buscou os serviços de tranças da cantora e a partir daí construíram laços de afeto.

Nosso contato com Carolina se deu por mensagem via aplicativo de celular, *whatsapp*.

⁸ “Transição capilar” é um termo utilizado para nomear o processo de retirada de produtos químicos permanentes dos cabelos crespos deixando-os com sua textura natural.

Num domingo à tarde enviamos mensagem nos apresentando e informando o assunto principal da pesquisa: vivências afetivo-sexuais de adolescentes negras moradoras do Grajaú. Carolina respondeu à mensagem por volta das 22 horas do mesmo dia. No áudio, a adolescente se desculpava pela demora em retornar o contato, falava com a voz trêmula e tinha sotaque que não conseguimos identificar. Mais tarde, Carolina Maria nos disse que não sabe o motivo de falar com esse sotaque e o nomeia como *meu sotaque de Guiné-Bissau*.

Informou ser evangélica e que estivera na Igreja o dia todo pedindo *ao Senhor Jesus* que enviasse alguém com quem pudesse conversar sobre seus desamores. Agendamos um encontro para explicar melhor os objetivos da pesquisa. Solicitamos que algum adulto responsável estivesse presente e Carolina nos disse que seus pais não poderiam sair de casa, mas poderíamos conversar com eles via contato telefônico.

Na data combinada fomos ao encontro de Carolina em frente ao Terminal de ônibus do Grajaú.

Lá estava Carolina Maria, uma adolescente de 17 anos, rosto arredondado, cabelos crespos curtos em formato *black power*, pele retinta, olhos puxados e sorriso largo. Nos apresentamos e, numa lanchonete, conversamos sobre os objetivos da pesquisa. Carolina concordou com a participação, entregamos-lhe o TCLE e agendamos uma data para a devolução do termo assinado e início da entrevista.

A entrevista com a adolescente aconteceu na rua, em frente ao Centro de Convivência da Mulher (CCM) do Grajaú.

Carolina emocionou-se ao contar suas primeiras experiências escolares e nos apresentou uma história de vida permeada pela intensa presença de racismo. A duração da entrevista foi de aproximadamente 30 minutos, contudo, ao encerrar a gravação notamos que o gravador capturou apenas 2 minutos e 39 segundos. Como alternativa sugerimos à Carolina que reagendássemos data para uma nova conversa, entretanto a adolescente preferiu fazer

uma nova entrevista imediatamente, tentando resgatar o conteúdo trazido na primeira gravação.

Dessa vez Carolina trouxe os mesmos acontecimentos de sua história de vida, contudo com detalhes que não havia trazido na primeira conversa. Novamente emocionou-se.

Tereza, Sueli, Dandara, Nina, Angela e Carolina Maria! Seis vivências com muitos aspectos em comum. Seis meninas periféricas, moradoras do Grajaú desde o nascimento ou infância, negras, adolescentes...

Na próxima seção realizaremos a análise das entrevistas e do grupo Focal de Finalização.

6 ANALISANDO AS ENTREVISTAS

Agora que nossas participantes estão apresentadas e sabemos um pouco mais sobre elas, partiremos para a apresentação do método que utilizamos para analisar as entrevistas e o Grupo Focal de Finalização.

6.1 Análise de Conteúdo: como analisamos as histórias dessas adolescentes?

Optamos por utilizar a Análise de Conteúdo, de Laurence Bardin (1977), que consiste na realização de procedimentos específicos de tratamento do material coletado.

Informamos que nosso percurso de análise seguiu as três fases propostas pela autora. São elas: “a) pré-análise; b) exploração do material e; c) tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação.” (p.95).

O momento da *Pré-análise*, nas palavras de Bardin (1977), trata-se da “escolha dos documentos a serem submetidos à análise, também a formulação de hipóteses para a elaboração de indicadores para a interpretação final” (Bardin, 1977, p.95).

Nas pré-análises nos debruçamos sobre as transcrições das entrevistas e Grupo Focal de Finalização, formulamos as hipóteses e elaboramos indicadores para a interpretação do conteúdo.

Após termos transcrito todo o material, realizamos o que a autora chama de “leitura flutuante” (Bardin, 1977, p.96), esse é o momento em que entramos em contato com as transcrições e nos deixamos invadir pelo material.

Em seguida selecionamos o que seria analisado das transcrições, respeitando as regras de exaustividade, que consiste em atentar-se a todo o conteúdo das entrevistas; regra de representatividade, momento em que nos debruçamos sobre as características de cada

entrevistada; regra de homogeneidade, que garante que a estrutura das entrevistas seguiu os mesmos critérios e abordou as mesmas temáticas e; regra de pertinência, que assegura a existência de uma correlação entre os objetivos da pesquisa e as entrevistas realizadas (Bardin, 1977).

Esse processo nos permitiu aproximar do conteúdo das entrevistas e do Grupo Focal de Finalização de forma intensa, uma vez que cada relato nos remetia, não só à literatura sobre afetividade, mas também à memória do encontro com cada uma das adolescentes e suas sensações ao rememorarem cada episódio de suas vidas.

Finalizamos assim, a pré-análise, selecionando os trechos das transcrições que traziam temáticas semelhantes e definimos categorias de análise a partir deles.

Na próxima subseção apresentaremos as categorias de análise, os resultados das fases de *Exploração do material* e o *Tratamento dos resultados obtidos e Interpretação*, divididas em dois momentos: no primeiro analisaremos as entrevistas individuais e no segundo momento analisaremos o conteúdo do Grupo Focal de Finalização.

6.2 Analisando as Entrevistas Individuais

Iniciaremos agora as análises das entrevistas individuais, para tal levantamos Quatro Categorias de Análise. São elas: Identidade Negra, Olhares sobre as estéticas negras, Vivências afetivo-sexuais e Educação em Sexualidade.

6.2.1 Categoria Um: Identidade negra

Nessa categoria, analisaremos trechos das Histórias de Vida das adolescentes que ilustram o processo de reconhecimento da Identidade Negra de cada uma delas.

Subcategoria Um: Negras da pele clara e a negação da negritude

Das seis adolescentes entrevistadas, quatro têm a pele mais clara e trazem em suas Histórias de Vida relatos que apresentam dados importantes de análise. Vamos lê-las:

Quando você se olha no espelho e você vê que você é diferente das outras pessoas, você pensa “*não, eu não sou branca, então eu sou morena*”, aí com o tempo, com a minha mãe me explicando, eu consegui entender que eu sou negra e me orgulho. (Sueli, 13 anos).

Minha mãe é uma negra bem altona, tipo, é bonita! Eu meio que me considerava uma negra, mas quando os outros me falavam, eu era morena... mas pra mim eu era uma negra. Minha mãe é negra, é bonita, então eu também tenho que ser negra e bonita! Mas quando os outros *falava*, pros outros eu era morena, tinha hora que eu falava que eu era morena. Porque os outros *falava* que eu tava mentindo que eu não era negra, que eu era morena. Aí eu tinha que concordar com os outros que eu era morena. (Tereza, 15 anos).

Então comigo, eu nunca sofri preconceito por ser negra, né? Porque os outros não me *acha*⁹ negra. [...] Nunca sofri *bullying*, essas coisas, por me achar negra. (Tereza, 15 anos).

⁹ Visando sermos fiéis ao conteúdo trazido, optamos trazer a fala original das adolescentes sem correções de concordância verbal.

E de dois anos pra cá eu fiz... eu entrei numa transição do meu cabelo e tal e entrei também num projeto que o meu professor de teatro tava fazendo sobre árvore genealógica, então de uns três anos pra cá eu não sabia se eu era negra, se eu era branca, na verdade o que eu era? Sabe, eu sei que minha família é negra, só que eu não me colocava, pra mim, eu não fazia parte daquela estrutura. Então, pra mim, particularmente, de três anos pra cá eu comecei a saber quem eu era. Então, eu hoje me aceito como negra, mas por conta da minha pele branca não pareço, mas dentro de mim eu sei que sou negra, cê entende? Então, a parte da família do meu pai, ela já vem muito com essa questão de negros, essas coisas. (Nina, 13 anos).

Era... bem difícil porque eu não... teve uma época da minha vida que eu não dizia que era negra, eu dizia que era parda. Embora hoje em dia eu tenha consciência de que sou negra e tenho orgulho também, mas eu via as revistas via as crianças, e as crianças que eram chamadas de mais bonitas eram o quê? Eram brancas. E eu dizia “então tá, vou tentar me encaixar ali”, mas eu não ia me encaixar, mesmo que eu alisei meu cabelo por um tempo, teve essa fase, mas não era eu, era só um padrão imposto. Foi bem difícil ser uma criança negra, mas as crianças negras são 100%. (Dandara, 17 anos).

Os fragmentos das histórias de vida de Sueli, Tereza, Nina e Dandara dialogam com as reflexões de Munanga (2017) sobre a figura do mestiço e da mestiça manipuladas pelo racismo brasileiro que dificultam a formação da identidade da pessoa negra. Nas palavras de Munanga (2017):

O racismo brasileiro desmobiliza as vítimas, diminuindo sua coesão, ao dividi-

las entre negros e pardos. Cria a ambiguidade dos mestiços, dificultando o processo da formação de sua identidade quando, ainda não politizados e conscientizados, muitos deixam de assumir sua negritude e preferem o ideal de branqueamento que, segundo creem, ofereceria vantagens reservadas à branquitude. A figura do mestiço e da mestiça é muito manipulada na ideologia racial brasileira, ora para escamotear os problemas da sociedade, ora para combater as propostas de políticas afirmativas que beneficiam os que se assumem negros. (Munanga, 2017, p.41).

Tereza, ao dizer que sabe que é negra, mas se vê pressionada a falar que é “morena” diante de pessoas que a denominam assim, ilustra os conflitos gerados com as tentativas de invisibilização de seu processo de construção de identidade enquanto negra. Outro conflito apresentado vem na fala de Nina que, tendo pele clara, informa ser “*negra da pele branca*”. Vemos ainda Dandara, que por um tempo se denominou parda quase que como uma forma de amenizar seu processo de construção de identidade negra.

Subcategoria Dois: Negras de pele retinta e o racismo explícito

Essa subcategoria foi criada a partir de fragmentos dos relatos de Angela e Carolina Maria, duas adolescentes de pele negra retinta.

Atentemo-nos às suas vozes:

Nasci bem pretinha, pretinha, pretinha mesmo. Minha família lembra até hoje, todas as festas que a gente tem, falam do quanto eu nasci tão pretinha. Minha mãe até pensou que eu não era filha dela, porque minha mãe... minha mãe é mais ou menos da sua cor [referindo-se à pesquisadora, que é negra de pele clara] [...] aí meu pai é bem

negão também, mas tipo, bem pretinho mesmo. (...) Tinha uma vez também que umas meninas ficavam brincando de Barbie perto da minha rua. Ai eu fui brincar com elas, elas não deixaram eu brincar com elas porque eu não era tão bonitinha quanto elas (...). Brincava de Barbie, mas como falei, tinha essas meninas, né? Então só essas meninas que brincavam bastante. Então a gente [Angela e os meninos] brincava mais de videogame, essas coisas, que é até melhor porque eu nunca brinquei tanto assim de Barbie. (Angela, 16 anos).

Quando eu fui pra quinta série que eu percebi que não era assim, que nem todo mundo é igual. Existem pessoas que... que batem... que agriem umas às outras só por causa da cor da pele, entendeu? (Carolina Maria, 17 anos).

Eu não sabia o que eram cotas. Então eu fui lá, e pra fazer o *vestibulinho* você tem que se assumir e eu achava isso tão normal, sabe? Se colocassem “tu é preta ou branca? Ou parda ou índia, sei lá?”, eu sempre coloquei “preta” porque é o que eu sou. Daí quando eu coloco que sou preta já aparece que eu tenho a cota. Então, mas eu não sabia o que era cota, mas eu me assumi mesmo e pronto, daí quando eu cheguei lá na Escola Técnica, tipo, fui usar o bebedouro um dia e eu tava assim de primeira né? Aí um menino falou assim “ah, você passou na frente por causa da cota?” e eu fiquei tipo “meu Deus”, daí começaram a me zoar por causa de cotas e essas coisas. E teve um dia também que eu tava andando na Escola Técnica e os meninos do técnico de informática começaram a fazer um som de macaco e tinha só eu no corredor e eu fiquei muito triste porque eu pensava “mano, não é pra mim”, mas só tinha só eu, então era pra mim, sim! (Carolina Maria, 17 anos).

Um dia eu falei “ah mãe, você acha que eu tô ficando mais escura?”, daí minha mãe me deu uma bronca, sempre quando eu começo com esse assunto minha mãe me dá uma bronca. (Carolina Maria, 17 anos).

(...) muitas pessoas sempre falaram um monte de coisas. Olha, por exemplo, um dia eu tava contando pro meu pai que na oitava série, uma menina tava me perguntando: “Carolina Maria, sua mãe não é feia, seu pai é muito...”, porque meu pai é muito bonito, meu pai é um negro maravilhoso, “seu pai é um cara bonito, sua mãe não é feia, porque você nasceu tão feia assim?” Mano, aquilo me doeu tanto! (Carolina Maria, 17 anos).

Sempre foi assim, desde o meu prezinho, porque o menino me batia e me xingava também, até o oitavo ano, entendeu? Até o terceiro ano do Ensino Médio... até hoje. (Carolina Maria, 17 anos).

Souza (1990) em seu estudo sobre negros em ascensão social discorreu sobre o Mito do negro, que seria a ideia criada e incrustada em nossa sociedade de um negro “diferente, inferior, subalterno ao branco (...) o irracional, o feio, o ruim, o sujo” (p. 26 e 27). Deste modo, criou-se a ideia de que tudo que estivesse ligado ao negro seria rechaçado.

Angela e Carolina Maria, ao contrário das demais adolescentes, apresentam em suas Histórias de Vida relatos em que suas negritudes nunca foram questionadas, uma vez que seus traços e tom de pele expressam a certeza de serem negras. Assim, Angela e Carolina Maria trazem vivências em que as expressões do racismo são explícitas, uma vez que suas negritudes são evidentes na pele retinta.

Analisando os relatos trazidos nas subcategorias Um e Dois é possível observar a

presença do racismo, tanto nas vivências de meninas negras da pele mais clara, quanto na trajetória das meninas de pele mais escura, ainda que de formas distintas. O colorismo¹⁰ gera nessas adolescentes, sofrimentos diferentes, no entanto, ambos norteados pelo racismo.

6.2.2 Categoria Dois: Olhares sobre as estéticas negras

Nessa categoria, analisaremos o olhar que as adolescentes têm sobre o próprio corpo, além do olhar delas sobre o conceito de beleza.

Subcategoria Um: Padrões de beleza e autoimagem

Levantamos essa subcategoria, pois durante as entrevistas, as adolescentes trouxeram relatos semelhantes no que diz respeito ao olhar sobre si e sobre suas amigas.

Se você vai perguntar pra algum amigo meu “Quem é mais bonita? Uma menina branca ou uma menina... tipo eu assim?” aí eles sempre vão falar que é a menina branca, entendeu? (Sueli, 13 anos).

Minha transição dessa escola pra outra foi até normal porque fiz amizades rapidamente, fiz amizade com as mais bonitinhas, aí eu fiz amizade. Eu me enquadrei nisso aí né? Não sei como, mas me enquadrei.

Pesquisadora: Você não sabe como se enquadrrou nas bonitinhas?

Angela: É... xô ver... ah... não sei... (Angela, 16 anos).

¹⁰ Colorismo, ou pigmentocracia é a discriminação pela cor da pele e é muito comum em países que sofreram a colonização europeia e em países pós-escravocratas. De uma maneira simplificada, o termo quer dizer que, quanto mais pigmentada for uma pessoa, mais processos de exclusão e discriminação essa pessoa irá sofrer. (GELEDÉS, 2015)

(...) ser como aquela menina que tem o corpo bonito, que onde ela passa, ela chama atenção. Todos os meninos olham pra ela, olham pro cabelo dela, pro jeito que ela é, entende? Então pra mim, às vezes eu não me coloco naquele sentido de “nossa, será que eu sou bonita mesmo ou será que eu quero ser bonita para que as outras pessoas me vejam bonita?”, cê entende? (Nina, 13 anos).

Minhas amigas são as mais bonitas da Escola Técnica, né? Tem a japonesa que é a Luana, ela é... tem o cabelo grandão e é japonesa, asiática. E tem a Magali, que ela é uma morena, alta, linda, cabelo cacheado até a bunda... muito bonita.

Pesquisadora: Você se considera uma das mais bonitas?

Carolina Maria: Não! (Carolina Maria, 17 anos).

Ah, teve uma vez que eu me senti a melhor pessoa do mundo, foi quando eu fui numa agência [de modelo fotográfico] com minha sobrinha e a moça falou que eu era muito linda e é muito difícil alguém distante falar isso de você porque a maioria que fala que você é bonita é a sua mãe e a minha irmã, mas eu me senti uma pessoa bonita naquele dia, eu me senti uma pessoa como as outras, entendeu? Uma pessoa bonita! Aí eu fiz um *book* porque eu sou linda. (Sueli, 13 anos).

Então... é... assim... às vezes eu não... não acho meu corpo ideal, não acho meu cabelo ideal, mas isso eu fui vendo nas palestras que isso é uma coisa nada a ver porque eu tenho que me aceitar do jeito que eu sou, mas às vezes vem aquela insegurança de “por que eu não sou assim? Por que meu cabelo não é daquele jeito? Nossa como eu queria ser aquela menina!”, cê me entende? (Nina, 13 anos).

Antigamente, era bem complicado essa situação de me ver. Porque eu odiava o que eu via, assim... tinha muitos problemas com minha imagem, mas depois de um tempo assim... hoje eu me sinto bonita, não me sinto linda né? Mas me sinto bonita. Posso gostar do meu cabelo, da minha cor. Acho isso importante. (Dandara, 17 anos).

Não sei, não me acho bonita, mas eu tenho que falar “eu sou bonita, sou bonita”, antes pra mim, começar a falar na minha cabeça até eu começar a acreditar e depois tudo de novo. (Dandara, 17 anos).

(...) no senso comum sim, elas [meninas brancas] são mais bonitas e no meu senso também.

Pesquisadora: No seu senso também, elas são mais bonitas que as negras?

Carolina Maria: Não! Tem muitas negras muito bonitas. Elas [as brancas] são mais bonitas que eu!

Pesquisadora: E você?

Carolina Maria: Não!

Pesquisadora: Você não é bonita?

Carolina Maria: Não!

Pesquisadora: Não? Por quê?

Carolina Maria: Por que... é... porque não. (Carolina Maria, 17 anos).

Mesmo que as pessoas falam “ah Carolina Maria você é bonita”, mas o que mais me doeu foi quando me disseram que eu era zoada, que eu era feia, então isso que mais dói é o que fica na gente. (Carolina Maria, 17 anos).

Neusa Santos Souza (1990) informa que “é a autoridade da estética branca que define o belo e sua contraparte, o feio, nessa nossa sociedade classista onde os lugares de poder e tomadas de decisão são ocupados hegemonicamente por brancos.” (Souza, 1983, p.29).

Podemos observar que os relatos de todas as adolescentes dialogam com a informação trazida por Souza (1989). Angela e Carolina Maria contam que são amigas das meninas mais bonitas da escola, mas não se consideram belas. Sueli diz estar contente em ter sua beleza reconhecida por uma agência de modelos, já que até aquele momento, somente sua mãe e irmã a viam como bonita. Também há, por parte de Dandara, um exercício diário em dizer a si mesma que é bonita.

Sueli Carneiro (2011) diz que “as mulheres negras fazem parte de um contingente de mulheres que não são rainhas de nada, que são retratadas como *antimusas* da sociedade brasileira, porque o modelo estético de mulher é a mulher branca.” [itálico nosso] (Carneiro, 2011).

É palpável nos relatos de todas as adolescentes a figura de antimusa mencionada por Carneiro (2011), figura da amiga da menina mais bonita, mas que não faz parte desse rol de beleza, a figura da menina que vê sua beleza reconhecida por uma agência de modelos e por sua família, a menina fora do padrão, a menina que aprendeu a se ver como rainha de nada.

Subcategoria Dois: Cabelo

Nessa subcategoria organizamos os relatos das adolescentes a partir do olhar que elas têm sobre o modo como se relacionam com seus cabelos.

Tipo, eu queria me deixar igual às meninas brancas, eu alisava meu cabelo, aí eu passava aquela maquiagem... pó de arroz pra ficar branca. Só que aí eu percebi

“que palhaçada é essa? O que é que eu tô fazendo?”, aí eu resolvi me aceitar de vez. Só teve uma época que eu falei assim “não, tá acontecendo alguma coisa comigo”, aí eu tive essa transformação. (Sueli, 13 anos).

É meio difícil, você vai a alguns lugares e as pessoas te olham de forma diferente. As pessoas ficam olhando pro meu cabelo (...) *fica* assim olhando pro seu cabelo tipo 'nossa que horrível' e às vezes a pessoa fala assim “nossa mas você tinha que deixar o seu cabelo mais baixo.” (Sueli, 13 anos).

Passei a maior parte da minha infância aqui na escola. Tive bastante amiguinhos. Tinha uma menina que a gente não se gostava, aí ela ficava puxando meu cabelo. Como eu tinha bastante trancinhas [ela falava] assim “essa pretinha aí que usava as trancinhas”, só que eu não ligava, então eu ficava balançando meus cabelos, então ela ficava brava por causa disso, aí ela puxava mais ainda, aí eu puxava o cabelo dela. Isso eu acho que marcou na minha infância. (Angela, 16 anos).

No primeiro dia [de aula na pré-escola] eu fui com essas trancinhas minhas, aí eu fui com uma touquinha tipo Bob Marley mesmo, aí fiquei conhecida como Bob né? Por causa do Bob Marley. (...) Na verdade, até esse ano o povo me chama de Bob, mas é de brincadeira. (Angela, 16 anos).

Entre esses três anos também muita coisa mudou foi minha aceitação com meu cabelo, eu conheci várias *youtubers* que me ajudaram a entender... por exemplo, a *Yuli Balzak*, não sei se todos conhecem, mas ela foi uma das pessoas que eu conheci e

que ela me ajudou bastante em alguns vídeos sobre aceitação, que ela conversava e tudo. Então, ela foi uma das pessoas que me ajudou. Ela eu conheço já pessoalmente, e, às vezes, eu participo de alguns encontros que ela tem, e ela conversa sobre o que ela já passou na vida dela e tudo e tal. (Nina, 13 anos).

A minha aceitação não veio desde pequena. Eu tinha o cabelo cacheado, mas eu não me sentia bem, porque as meninas da minha escola falavam que não era legal ter um cabelo daquele jeito. Então, eu fui lá e... progressiva. Aí tudo bem. Aí eu comecei a ver vídeos e essas coisas, então eu fui me aceitando. (Nina, 13 anos).

E, já sofri vários preconceitos em qualquer lugar que eu vou. As pessoas às vezes, algumas meninas, me param e falam “nossa, que cabelo bonito”, já outras não, me param e me perguntam por que eu tenho o cabelo daquele jeito? Por que é que eu sou daquele jeito, entendeu? E, às vezes, isso me deixa muito triste, porque oh... eu vejo as pessoas, as meninas que têm cabelo liso, são brancas e elas olham como se elas fossem superiores à nós, entendeu? Então eu me sinto triste às vezes, como as pessoas podem achar que eu não sou igual a elas? Eu sinto que elas me olham, e não é do jeito que eu vou olhar pra uma menina de cabelo liso, desse mesmo jeito, mas sim elas vão me olhar desse jeito por conta do meu cabelo. Isso vai me deixar muito triste. (Nina, 13 anos).

Ela falou que eu só poderia entrar no emprego se meu cabelo mudasse. Então, será que pra entrar num emprego eu tenho que mudar? Será que eu não tenho que ser o que eu sou pra entrar num emprego? (Nina, 13 anos).

Quando eu era pequena, eu sempre usava o cabelo preso e era sempre coque. Então eu não queria que as pessoas vissem como meu cabelo era, pegava aquilo pra mim, foi então que eu fiz a progressiva no meu cabelo mas não era o que eu queria pra mim, era o que a sociedade estava impondo, entende? (Nina, 13 anos).

Eu via aquelas meninas, via aquelas revistas do colégio e pensava “gente eu não me encaixo aqui nessas meninas brancas, altas, loiras e olhos azuis assim”. Eu tentei no cabelo, né? Alisei, mas não deu certo. (Dandara, 17 anos).

Nilma Lino Gomes (2012) relata que “o cabelo crespo é visto como um sinal diacrítico que imprime a marca da negritude nos corpos. Ele é mais um elemento que compõe o complexo processo identitário.” (Gomes, 2012, p.7).

Diferentemente da categoria em que adolescentes negras de pele clara traziam vivências diferentes das adolescentes de pele retinta, aqui observamos que todas as adolescentes trazem relatos de situações em que sofreram racismo devido à textura de seus cabelos. Embora tenham cumprimentos e textura diferentes, os cabelos de todas as entrevistadas são crespos. Dandara informa sobre sua tentativa de se parecer com meninas brancas alisando o cabelo, mas conclui: “alisei, não deu certo”.

6.2.3 Categoria Três: Vivências afetivo-sexuais

Nessa categoria de análise, apresentaremos fragmentos das entrevistas em que as adolescentes abordam a temática das primeiras vivências de afetos, paixões, amor e namoro.

Eles [os meninos da escola de Angela] gostam daquelas meninas assim, bem...

sabe no *Facebook* que colocam aquelas meninas bem *tumblr* mesmo? Sabe *tumblr*? (...) *Tumblr* é uma rede social que o povo usa... meio que um estilo, só um estilo só. Aquelas menininhas bem magrinhas, bonezinho pra trás, bem branquinhas, assim... cabelão (...) esses meninos só querem elas. E se uma menina negra quiser [ser *Tumblr*], não que eu queira ser, mas se uma menina negra querer ser que nem elas, vão dizer que ela tá imitando elas, sabe? (Angela, 16 anos).

Pesquisadora: E que tipo de menino quer ficar com você?

Angela: Não... ninguém. Não, mas... mas eu... (balbucia algo)

Pesquisadora: Hãn?

Angela: Ninguém, mas eu também tipo não ligo muito pra isso.

Pesquisadora: Ninguém quer ficar com você?

Angela: Que eu saiba, não.

Pesquisadora: E você quer ficar com alguém?

Angela: (demora alguns segundos) não... não.

Pesquisadora: Você já ficou com alguém?

Angela: Não. (Angela, 16 anos).

É legal a ideia de gostar de alguém, mas assim, é ruim quando a pessoa nem sabe que você gosta dela, então... e você sabe que a pessoa não gostaria de você.

Pesquisadora: Como que você sabe que alguém não gostaria de você?

Angela: Pelas pessoas... pelas pessoas que... ela já ficou, daí você vê mais ou menos qual é o padrão.

Pesquisadora: E qual é o padrão?

Angela: Hum... meninas brancas, ah... meninas brancas, que sejam magrinhas, mas têm aquele bundão a mais. (Angela, 16 anos).

Os meninos sempre vão preferir as meninas brancas, isso é óbvio.

Pesquisadora: Por quê?

Carolina Maria: Gente! É só vocês olharem ao redor. Sempre vai ter... mesmo que o menino for negro, ele sempre vai preferir mais as meninas brancas, isso é óbvio. (Carolina Maria, 17 anos).

Então às vezes elas são... eu sirvo de ponte pra elas, pra algum relacionamento que elas querem ter, então eu sempre sou a mais excluída do grupo. (. . .) Servir de ponte é, por exemplo, você quer aquele menino, mas aquele menino só fala comigo, e ele quer que eu chegue em você pra falar que ele quer alguma coisa com você. Então assim, muitas vezes os meninos não olham muito pra mim, mas sim para algumas de minhas amigas que tem cabelo liso e que tem aquilo tudo e tal. (Nina, 13 anos).

Eu tava superanimada porque eu ia pra igreja e ia ver o Pierre. E o Pierre é o menino que eu gostava também, né? Aí... porém... Eu conversava com ele, ele conversava comigo, eu pensava que ele gostava de mim, mas ele não gostava... gostava assim, gostava só como amigo. Aí eu fui pra igreja e vi que ele começou a namorar com uma menina loira dos olhos azuis e eu fiquei “poxa mano, eu queria tanto ser essa menina loira dos olhos azuis” e tipo, aí começou, eu comecei a falar “Jesus, será que um dia eu vou casar? Será que um dia alguém vai se apaixonar por mim? Algum dia vai ser recíproco?” (Carolina Maria, 17 anos).

Nos fragmentos acima, Nina, Angela e Carolina Maria trazem suas percepções sobre o olhar que creem que os meninos têm sobre meninas negras e brancas. Nina diz servir de ponte para flertes entre meninos e meninas brancas, mas sente-se excluída do campo afetivo. Já Angela fala de um estilo *tumblr* seguido pelas adolescentes brancas, mas que é negado às meninas negras.

hooks (2010) afirma que “muitas mulheres negras sentem que em suas vidas existe pouco ou nenhum amor. Essa é uma de nossas verdades privadas que raramente é discutida em público. Essa realidade é tão dolorosa que as mulheres negras raramente falam abertamente sobre isso.” (hooks, 2010).

Angela crê que ninguém jamais se interessou por ela pois está distante do padrão de beleza estabelecido. Já Nina informa servir de ponte para relacionamentos entre meninas brancas e meninos, e Carolina Maria, ao relatar uma desilusão amorosa em que o garoto que ela gostava iniciou namoro com uma menina branca dos olhos azuis, explicita ter sentido vontade de ser essa menina e acrescenta uma insegurança quanto ao futuro no campo afetivo-sexual, perguntando a Jesus se algum dia haveria reciprocidade em seu ato de amar.

Em suma, as adolescentes trazem situações íntimas de seu cotidiano na construção das experiências afetivo-sexuais. Cada uma dessas meninas mostra o quão importante é considerar o quesito raça como parte fundamental das questões de sexualidade na adolescência. Quando hooks (2010) informa sobre “as verdades privadas” de mulheres negras que raramente são discutidas em público no campo afetivo, aponta algo que surge já na adolescência: que é fundamental trazer para o campo público a discussão do afeto ao longo da vida de meninas e mulheres.

Subcategoria Um: Puberdade

Nessa subcategoria analisaremos os fragmentos das entrevistas em que as adolescentes informam como tem sido o processo de vivenciar as mudanças que a puberdade lhe gera.

É estranho às vezes, mas aí você vai aprendendo a lidar com seu próprio corpo, com suas mudanças, mas você fica muito confusa nessa época porque você não sabe o que quer, e eu já sou uma pessoa confusa... eu fico assim “é o quê?”. Mas tipo, é uma fase muito boa e eu tô tentando aproveitar ao máximo que não vai durar pra sempre, aí vem as responsabilidades. (Sueli, 13 anos).

Tipo, não é legal, porque agora os meninos olham pra mim “nossa, hein?” tipo “que peitão!” e eu “nossa que vergonha!”. Eu nem uso muito blusa vulgar por causa dos meus peito, e tipo... uma mudança bem grande em mim. Só mais pelo meu peito é que os outros *fica* olhando sabe? Às vezes pra minha bunda e eu fico 'nossa!' (Tereza, 15 anos).

O crescimento de seios, crescimento do corpo mesmo, fisionomia. Os meninos olham pra você de uma forma totalmente diferente, porque tem umas meninas que elas não se desenvolvem como as outras, porque cada uma tem seu tempo, sua forma de se desenvolver. Então os meninos caçoam, eu já vi muitas meninas que acabam sendo caçadas por esses meninos, por conta de... ah, piadinhas sem graça, por exemplo, “ai ela tem mais peito que você, ela tem mais bunda que você”, eles não entendem que a gente tá mudando, sabe? (Nina, 13 anos).

Quando eu passo na rua, alguns caras olham e chama 'oh, gostosa'.

Pesquisadora: São homens adultos?

Nina: Sim, homens adultos! Sabe, eu acho que eu não sou um objeto sexual, eu não sou algum tipo de carne andando na rua e as pessoas têm que aceitar, cê entendeu? (Nina, 13 anos).

No que diz respeito à puberdade, Tereza e Nina nos apresentam a informação de assédio sexual. Tereza informa sentir vergonha do modo como *os outros olham* para seus seios e nádegas, já Nina nos explicita falas de assédio sexual verbal feitos por homens adultos na rua. Já Sueli fala dos conflitos internos com relação à mudança corporal e de humor.

Tereza e Nina, duas adolescentes negras periféricas da zona sul da cidade de São Paulo, mostram em suas histórias de vida o início de expressões de hipererotização de seus corpos púberes, fato que Pacheco (2013) discutiu ao pesquisar as vivências de mulheres negras da cidade de Salvador (BA).

Chamamos atenção para os relatos da subcategoria anterior, em que observamos a prevalência de momentos em que Angela, Dandara e Carolina Maria diziam não se sentirem bonitas ou atraentes e durante as entrevistas, coincidentemente ou não, os assuntos relacionados a mudanças provocadas pela puberdade e hipererotização não se fizeram presente em suas falas. O que nos leva a levantar a hipótese de que tendo a autoestima fragilizada, as adolescentes negras não têm consciência das expressões de assédio e violência que ocorrem de forma sutil sobre seus corpos.

6.2.4 Categoria Quatro: Educação em Sexualidade

Nessa categoria analisaremos quais são os espaços formais e informais em que as seis adolescentes dialogam sobre sexo e sexualidade.

Sobre isso a gente fala um pouco na escola, né? A gente tem algumas aulas sobre isso e às vezes eu escuto minha mãe falando, né? E eu presto atenção... E às vezes eu falo com minhas amigas só. Porque algumas das minhas amigas já têm vida sexual ativa né? Daí elas ficam falando um monte de besteira. (Sueli, 13 anos).

Então, ano passado a gente entregou [camisinhas] no nosso bairro. Aí agora... ano passado nós *entregou* duas ou três vezes no Terminal Grajaú [de ônibus e trem]. E agora dia 24 [de fevereiro de 2017] nós *vamo* entregar de novo no Terminal Grajaú, que aí agora nós *vai* casar os dois projetos, né? O de lá da Escolinha [sobre DST] que nós já *faz* e o que nós *fez*, que nós *ganhou* [subsídio financeiro] que faz quase as mesmas coisas, aí nós *vai* entregar também, aí mês que vem, *vai* fazer palestra, sabe? Essas coisas.” (Tereza, 15 anos).

Recentemente uma amiga minha, primeira vez dela eu expliquei pra ela e daí eu descobri que ela não fez certo, e eu fiquei tipo, bem nervosa porque além de ela fazer isso [sexo], ela fez com uma pessoa que, tipo, não vai dar valor pra ela se ela engravidar sabe? Não vai dar valor. Aí quando eu descobri isso, eu corri atrás dela e fiz ela comprar a pílula do segundo dia, né?” (Tereza, 15 anos).

Às vezes eu não conto algumas coisas para minha mãe [sobre sexualidade], mas eu conto para minhas amigas, que eu sei que não vou conseguir abrir com minha mãe, entendeu? Então assim... o maior ponto é com minha mãe, mas tem minhas amigas também. (Nina, 13 anos).

Eu me assumi mais por uma coisa... porque eu estava cansada de esconder quem eu era. Na verdade, eu estava naquela igreja que eu ia e aí eles estavam putos. Passaram um culto inteiro falando sobre homossexualidade e eu acho que não tem necessidade disso, passar um culto inteiro falando sobre isso? E porque começaram a dar aula para criança e o assunto era família. Eles diziam que uma mulher morando com outra mulher não era família. E eu perdi minha paciência. Na verdade eu nem ia me assumi assim, mas aí eu dei a louca e me assumi. (Dandara, 17 anos).

Assim que você aceita Jesus, você automaticamente vê que tem algumas coisas que, ao meu ponto de vista, não são certas, entendeu? Tipo, fazer sexo antes do casamento não é certo no meu ponto de vista e no ponto de vista de algumas pessoas. Então a gente é, meio que um grupo da igreja, quase todas as igrejas evangélicas, católicas e diversas religiões têm que “eu escolhi esperar”. (Carolina Maria, 17 anos).

Os espaços que as adolescentes verbalizam ser locais de diálogo sobre sexualidade vão desde ambientes formais como a escola ou projeto social até ambientes de diálogos informais, tais como conversas com amigas ou com a mãe. Dandara e Carolina Maria relatam dois aspectos da vivência religiosa e assuntos relacionados à sexualidade.

Para Dandara, além de sua mãe, a igreja foi um local em que ela sentia necessidade de assumir sua orientação afetivo-sexual, já para Carolina Maria, o olhar e diálogo sobre

sexualidade surgem na aproximação de um grupo de jovens que decidiu iniciar a vida sexual após o matrimônio. A igreja surgiu em nossa pesquisa como um espaço em que também se discute sexualidade, ainda que no caso de Dandara o resultado dessa discussão tenha sido seu desligamento.

6.3 Analisando o Grupo Focal de Finalização

Devido à dificuldade em conciliar datas e horários em que todas as adolescentes pudessem comparecer ao encontro para realização do Grupo Focal de Finalização, realizamos o agendamento com um mês e meio de antecedência. O Grupo Focal de Finalização ocorreu no feriado de 21 de abril de 2017 no período da tarde, num espaço cultural localizado próximo ao Terminal de Ônibus Grajaú.

Combinamos com as adolescentes um ponto de encontro próximo às catracas do Terminal, pois algumas não conheciam o local da realização da atividade.

A mãe de Sueli nos telefonou informando que estava a caminho do local, levando sua filha e Tereza, contudo o carro quebrou e não poderiam comparecer ao Grupo. Considerando a dificuldade em articular nova data e a presença das demais adolescentes, optamos por seguir a atividade com as meninas que estavam presentes. Assim, o Grupo Focal de Finalização contou com a presença de Angela (16 anos), Nina (13 anos), Dandara (17 anos) e Carolina Maria (17 anos).

A estrutura do encontro seguiu roteiro preparado exclusivamente para esta pesquisa.

Inicialmente realizamos uma roda de apresentação das adolescentes pedindo que cada uma relatasse seu nome, idade e bairro de moradia. Em seguida entregamos para cada uma a transcrição integral de suas entrevistas individuais e pedimos que circulassem nomes pessoais, nomes de bairro e demais locais que porventura pudessem identificá-las. Também

solicitamos que escolhessem codinomes para si e para outras pessoas e locais mencionados nas entrevistas. Algumas meninas preferiram não escolher o próprio codinome, outras como Dandara e Carolina Maria decidiram a quem gostariam de homenagear.

Após a leitura, pedimos que cada adolescente nos dissesse como se sentiram ao ter contato com a memória de sua entrevista, nesse momento o grupo resgatou pontos que foram significativos para cada uma e abriu-se um diálogo entre elas. Quanto ao conteúdo desse diálogo, o apresentaremos na análise. Por fim, solicitamos que nos dissessem como foi o processo de recordar suas histórias de vida nas entrevistas.

Para analisar o Grupo Focal de Finalização criamos três categorias de análise que apresentaremos a seguir.

6.3.1 Categoria Um: Vivências afetivo-sexuais

Onde analisamos as falas voltadas às vivências afetivo-sexuais durante o Grupo Focal de Finalização.

Eu sei que eu falei na minha entrevista que um dos meus planos era não me apaixonar e eu não cumpri minha promessa né? Ah, sabe, eu me sinto meio boba porque eu não gosto de estar apaixonada. Porque não gosto de criar expectativa, ficar esperando mensagem, mas é bonito também. Eu acho mais bonito porque tá sendo... como é mesmo a palavra? Recíproco. Recíproco! É interessante, é bonitinho. A gente não tá namorando, a gente tá se conhecendo com calma. É estranho, é assustador porque eu terminei meu relacionamento e não queria saber de ninguém, só que aí veio essa menina e ela tipo, gosta muito de mim e quando ela manda mensagem eu fico “menina, você não vai embora? Como assim?” na minha cabeça eu fico esperando

que a pessoa vá embora, porque tipo para mim ela sempre vai. Eu tenho esse complexo, porque eu acho que sempre a pessoa vai embora, vai me abandonar. Eu digo “tá bom, tchau”, falo que não ligo, mas eu ligo. E tem essa menina e ela é tão bonitinha que eu fico pensando que ela vai mesmo embora. É muita confusão. (Dandara, 17 anos).

Ah, eu tô vivendo a parte mais positiva do amor. Você não tem que ligar só para sua aparência. A personalidade importa muito, eu nunca olhei a aparência das pessoas, mas a personalidade... Eu sempre soube que as pessoas olhavam mais a minha aparência do que personalidade. Isso mudou muito minha vida, nossa. Eu percebi que não preciso ser outra pessoa para alguém gostar de mim. Mesmo que a pessoa vá embora, gosto de pensar que minha personalidade vai ficar, porque a pessoa no momento tá gostando de mim pela minha personalidade. Isso é muito forte e muito bom, porque as pessoas falam que você fica apaixonada e fica mais fraquinha, mas sei lá, eu pelo menos, tô me sentindo mais forte comigo mesma e isso que é tipo a força mesmo de se apaixonar, porque você encoraja a outra pessoa a se amar e você mesmo também tá se amando, não pela pessoa estar falando isso, mas você acredita de verdade e isso é muito bom. (Angela, 16 anos).

Nesse último tempo não tenho tempo de pensar [em se apaixonar]. Só estudar, mas também não quero me apaixonar agora. Então... esses dias eu fiquei muito assustada, entre aspas, porque tinha uma brincadeira no *whatsapp* que era “fale um número e eu falo algo sobre você”, aí eu falei “número sete” para um menino, daí ele escreveu que já teve *crush* em mim e eu fiquei lá “mano, alguém teve *crush* em mim?”. *Crush* é tipo alguém gostar de você. Aí eu pensei “mano, nunca pensei que

alguém poderia ter *crush* em mim”. Todos os meus *crushs* não são correspondidos e alguém tem *crush* em mim e eu fiquei tipo “meu Deus”. E um dia uma amiga minha me disse “Carolina, tem um monte de gente que gosta de você, não pela sua aparência, mas pela sua personalidade mesmo, por quem você é” e eu fiquei tipo, mano, isso é muito mais além e eu acredito muito no amor. E eu sempre digo que não tenho coração e não vou amar ninguém. Eu não gosto de gostar. Ah é tanta coisa que eu, gostando das pessoas, já sofri, que eu não gosto de gostar e quando eu gosto, fico muito triste e paro de gostar, mas eu quero muito um dia me casar, ter filhos e um marido. Meu sonho, né? Mas sei lá. (Carolina Maria, 17 anos).

Me apaixonar, apaixonar, paixão assim é uma palavra forte e o amor assim tá fora de cogitação. Então eu acho assim, que a gente, eu pelo menos penso que, a gente ainda vai conhecer muita gente. (Nina, 13 anos).

Meu sonho de marido perfeito é, mano, um cara que me trate muito bem, que me aceite do jeito que eu sou. E quando um rapaz me passar essa confiança aí sim, vai ter o meu amor. Porque por enquanto, não sei... nessa idade... não sei. Os meninos só querem... saber de... ficar com as meninas mais bonitas da escola, bundão, peitão e isso é muito feio. (Carolina Maria, 17 anos).

Durante o Grupo Focal de Finalização as adolescentes puderam falar sobre suas entrevistas individuais, rememoraram algumas vivências afetivo-sexuais e trouxeram novidades sobre novas paixões. Angela, que na entrevista individual disse nunca ter beijado um garoto, informou ao grupo que estava namorando à distância. Carolina Maria conta ter descoberto que alguns meninos têm interesse afetivo-sexual nela. Dandara verbalizou estar

apaixonada por uma garota e partilhou sua insegurança com o grupo e Nina disse que pretendia conhecer pessoas e que paixões e os amores ainda virão.

Em seus relatos, as adolescentes informaram que as entrevistas individuais as fizeram refletir sobre suas trajetórias afetivo-sexuais e desde então têm prestado maior atenção ao modo como vivenciam a paixão e o afeto, mostrando que o ato de recordar as colocou em exercício de reflexão sobre si e sobre os/as outros/as. Contudo ainda é presente e muito marcado o discurso de não possuírem beleza física.

Notamos que tanto Angela quanto Carolina Maria enfatizam que suas belezas vêm da personalidade, do interior e não validam a possibilidade de terem corpos belos, ainda que o desenvolvimento físico delas, como pernas, seios e nádegas, estejam dentro do que as mesmas atribuem ao desejo dos meninos.

Sobre tal afirmação, apontamos a pesquisa de Souza (1990), a reflexão é um dos efeitos do padrão branco de inferiorização do negro.

6.3.2 Categoria Dois: Autoimagem

Momento em que buscamos analisar os olhares que as adolescentes disseram ter sobre si.

Eu sinto que... pra mim... eu ainda não cheguei ao meu ponto de me achar bonita e que, às vezes, nesse ponto de me achar bonita, eu vou muito pela opinião dos outros. Eu sei que eu tenho que me achar bonita e não as pessoas, mas se eu ver mesmo eu não consigo me conjugar na palavra de ser bonita. (Nina, 13 anos).

Eu me acho bonita sim, tipo... eu tenho que me achar bonita sim. Tem dias que você não se acha bonita, mas isso é normal, mas assim, geralmente de me olhar no espelho, eu não me sinto mal, sabe? Eu me acho bonita, todas vocês e todas nós, todas as mulheres têm que se achar bonitas porque nós realmente somos não só de aparência. Porque por dentro nós transparecemos para fora, então se por dentro somos bonitas, somos muito mais bonitas por fora e é isso que eu levo pra minha vida. Não querendo ser metida, eu sou bonita. (Angela, 16 anos).

Ai meu Deus! Ah...bom...eu já tive muito complexo com meu corpo, mas agora vamo lá. Eu me acho bonita, eu não consigo olhar pra mim e dizer “eu sou linda”, mas tô caminhando aí, um dia... um dia quem sabe? Não sei, eu gosto do meu cabelo, eu gosto do meu corpo, tem algumas coisinhas que eu fico “aqui eu poderia ser mais legal”, mas tudo bem. Eu me acho bonita, assim, mas eu mudo muito de humor, me acho bonita e não me acho bonita e fico nessas coisas de bonita e feia. (Dandara, 17 anos).

Essa coisa de ter o nariz um pouco grande, sim. De querer ter um nariz pequenininho, bonitinho. Essas coisas acabam influenciando você de uma certa forma, mas pelo menos na minha história, na minha concepção eu não acho assim que influenciou muito na minha vida, não foi coisa do racismo. Eu sei que existe [racismo], eu devo ter passado, mas passou despercebido por mim, mas assim, pelo menos pra mim, o racismo não mudou muita coisa na minha vida. (Angela, 16 anos).

Em alguns pontos o racismo acaba influenciando. É... eu... assim... por conta de ser branca [ter a pele clara] não sofri tanto, as pessoas falavam assim “Nossa você

é bonita, mas esse seu cabelo estraga tudo”. Então influencia, porque se você for ver, você tem que ser bonita, ter cabelo liso e ter corpão. Isso é imposto! Então isso às vezes influencia, porque as pessoas querem e tem que ser aquilo e pronto. Então essa é minha opinião. (Nina, 13 anos).

[O racismo] influenciou demais, muito! Porque, cara, eu fico imaginando “Imagine se todo mundo fosse negro, todo mundo tivesse cabelo crespo?”, a gente ia se achar linda, porque todo mundo ia dizer “você é realmente linda”, mas não! (Carolina Maria, 17 anos).

Pra mim o racismo influenciou bastante. Eu demorei muito para me aceitar como negra, porque as pessoas... tipo... eu lembro até hoje que uma mulher falou assim, quando eu era pequenininha “Preta, vem aqui” e eu falei “Não, eu não sou preta, eu sou... par-da, eu sou meio termo”. E eu demorei muito para me aceitar como negra, aceitar minha cor, minha história, minha resistência. Eu tive muito complexo com meu corpo. Eu já tentei alisar o cabelo. Eu olhava aquelas revistas e gente elas são brancas, tem cabelo liso, altas e tem corpão. E eu sou magrinha, pareço uma coisa, mas né? Enfim, pra mim influenciou bastante e a gente tem que desconstruir isso, tem que todo dia olhar pro espelho e dizer “eu sou bonita”, todo dia até a gente se convencer, até a gente conseguir acreditar. (Dandara, 17 anos).

Quando eu estudava aqui perto [do Terminal de Ônibus Grajaú], tinha uma menina que puxava meu cabelo porque eu usava trança, parecendo o Bob Marley, tipo me zoando, zoando a minha aparência de Bob Marley, mas eu nunca deixei isso me abater. Eu também batia de frente. Na escola também, porque eu usava toquinha e as

tranças continuaram e eles me chamava de Bob Marley, mas eu nunca levei como ofensa, mesmo que eles quisessem me ofender eu nunca levei como ofensa porque Bob Marley era muito bom então vocês estão me fazendo um elogio, eu sempre pensei por esse lado assim. (Angela, 16 anos).

Quanto ao olhar que a pessoa negra tem sobre si, trazemos as palavras de Silva (2017):

Para muitos negros, o fato de ser negro é vivido com muita dificuldade, já que foram introjetadas imagens negativas, produzidas pelo poder discriminatório, veiculadas pelos discursos do que é ser negro. Torna-se difícil conviver com um corpo tido como feio, um cabelo por definição “ruim”, lábios denominados beiços etc. Para que o trauma da discriminação possa ser assimilado, acomodações psíquicas devem ser feitas para que a vida se torne ao menos suportável. (Silva, 2017, p.84).

É o caso de Angela, que diz que já quis ter nariz “pequeninho, bonitinho” e em seguida informa não ter notado a influência do racismo em sua vida. Mais adiante a adolescente conta de uma memória de infância em que foi apelidada de Bob Marley, fato que havia trazido em entrevista individual e mais uma vez o traz alegando não se importar com o apelido, enfatizando que nunca deixou isso a abater.

Também podemos perceber o exercício que Dandara mencionou em sua entrevista individual, de se olhar no espelho e repetir para si que é bonita até “conseguir acreditar”. Já Carolina Maria chama atenção para a importância da representatividade negra, quando imagina que em um mundo em que todos fossem negros “a gente ia se achar linda”. Nina se

diz descontente com o próprio corpo e mais uma vez se denomina como sendo de pele branca para dizer que tem a pele mais clara.

O exercício de estarem juntas, dialogando sobre suas vivências e olhares sobre si fez com que cada adolescente pudesse refletir sobre os impactos do racismo na construção do olhar sobre si. As estratégias usadas por Angela para não se abater com o apelido de Bob Marley ou o desejo de ter nariz fino e o exercício em frente ao espelho de Dandara parecem fazer parte do que Silva (2017) informou acima como acomodação psíquica.

6.3.3 Categoria Três: Racismo e saúde mental

Com a análise de fragmentos em que as adolescentes falam de como promovem o cuidado consigo.

Tem o padrão e você se sente diferente, excluída. E com tudo isso que você vai pensando, você acaba tomando outros rumos, depressão e essas coisas... E tudo isso que acontece você vai juntando pra si e não consegue dividir com alguém. Pelo menos no meu caso, você não consegue dividir com todo mundo. Acaba que me deixa muito triste. (Nina, 13 anos).

Antigamente eu tinha muita dificuldade para me expressar, muita, muita dificuldade mesmo e isso fez muito mal pra mim. Hoje em dia passou, graças a Deus. Eu não sei se o silêncio tem a ver com eu ter começado o meu transtorno, mas tudo bem. (Dandara, 17 anos).

Eu acho que a gente sofre tanto que a gente acaba se fechando, se sufocando porque a gente não aguenta uma barra sozinha. Tipo “nossa, tô com depressão”, mas eu vou esconder pra todo mundo aqui, não vou contar pra ninguém, porque não quero que ninguém saiba. Então a gente tem que tomar cuidado de nós mesmas. Se a gente precisar de psicólogo, vamos procurar. Se a gente precisar de psiquiatra, vamos procurar. É claro que precisamos de gente legal né? Mas tem que procurar ajuda, às vezes a gente acha que só a gente se sente assim, mas tem mais gente como nós, precisando de ajuda. A gente precisa cuidar da gente mesmo. Cuidar do coraçãozinho. (Nina, 13 anos).

Então, pra mim, desde pequenininha eu sempre fui a mais escurinha da classe e eu não percebia preconceito na televisão, sei lá... não via muito. Mas quando entrei na quinta série, que comecei a sofrer preconceito, racismo e essas coisas, eu vi que é uma coisa que não foi imposta pra mim, mas não sei explicar. Foi uma coisa de “você não é bonita porque você é muito, muito, muito negra” e aí “você não é bonita e pronto, ninguém nunca vai gostar de você porque você é realmente muito, muito negra” e eu ficava, pô mano... entendeu? Na televisão eu comecei a reparar que agora, agora não. Faz pouco tempo, desde meus 13 anos, mas isso foi meio que imposto quando criança. (Carolina Maria, 17 anos).

Silva (2017) considera que o racismo tem como maior vitória justamente a diminuição de pessoas e grupos à condição sub-humana.

Nos relatos podemos observar exemplos dos efeitos do racismo na dimensão afetivo-emocional dessas adolescentes. A angustia de Nina ao perceber que existe um padrão de beleza estabelecido e a partir deste sentimento, sentiu-se excluída, ou mesmo, a dificuldade

de Dandara em traduzir suas dores em palavras, tornando o silêncio um disparador de crises de ansiedade.

Cada uma dessas adolescentes apontou situações concretas de racismo que configuraram em dores emocionais, aonde a fragilidade tomou forma. A seguir, apresentaremos relatos em que as entrevistadas apresentam suas estratégias de autocuidado diante do sofrimento gerado pelo racismo.

Subcategoria Um: Estratégias de autocuidado

Nessa subcategoria apresentaremos as estratégias adotadas pelas adolescentes na busca por cuidado à saúde mental.

E esse negócio de cuidar da saúde mental, sim! É porque eu passei por uns traumas. Eu tive transtorno de ansiedade e meu, é uma coisa horrível, porque quando você começa a pensar no que sofreu, seu coração começa a disparar, você começa a ficar com medo de sofrer isso na rua, na escola de novo e é terrível. Eu passo no psicólogo e, infelizmente, na *neuro*. Eu realmente estava mal, mas tô tomando remédio de ansiedade para cuidar disso. Não é frescura, isso que me falavam eu guardava desde criança, eu guardava pra mim mesma, porque eu não tinha ninguém pra contar e quando eu fiz 16 anos isso voltou de novo. (Carolina Maria, 17 anos).

Eu acho que, com relação a contar para as pessoas [sobre algum sofrimento], é importante contar mesmo. Não ficar com medo de contar e ficar guardando e guardando. Eu também já tive medo, de as pessoas pensarem que eu sou chata de ficar contando as coisas e pensando demais, mas agora não, se eu quiser falar alguma

coisa, eu falo, daí depois eu fico tipo “ai, não devia ter falado”, mas pelo menos eu falei. Pelo menos pra mim isso ajuda muito, eu falo e isso: é bom para cuidar da mente. (Angela, 16 anos).

Escrever, compor, toda forma que você pode fazer para se expressar, por exemplo, você escrever, compor, mandar uma rima, ser um personagem com quem você se identifica no teatro ou alguma forma de se expressar. Se você não conseguir conversar de jeito nenhum, isso pode ser uma válvula de escape. (Dandara, 17 anos).

Pode parecer algo clichê, mas uma coisa que me ajudou a sair da situação que eu estava foi conversar com Deus, porque mano, ele é real e é muito louco conversar com ele e me ajuda muito, quando você vê que ninguém te entende, sua vida tá de ponta cabeça, você entra no seu quarto, ajoelha, fala com Deus e é muito bom, sabe? E você vê que sua opinião vale mais que tudo e tem uma pessoa real que te apoia em tudo e fala “Vai Carolina, você consegue” (Carolina Maria, 17 anos).

Assistir séries e filmes tá na arte né? Algumas pessoas podem pensar que pessoas famosas são irrelevantes, mas eu acho mentira, porque se você gosta muito de um artista e ele tá envolvido em causas sociais, você também vai se sentir importante, comovida e música também. (Angela, 16 anos).

A psicanalista Maria Lúcia da Silva (2017) alerta sobre a importância de romper com o silenciamento diante do cuidado à saúde mental da população negra, considerando a realidade histórico-social do Brasil.

No Grupo Focal de Finalização, as adolescentes apresentaram suas estratégias de autocuidado.

Compor, cantar, atuar, inspirar-se em artistas de seriados, desenhar, ter vivências espirituais e buscar auxílio junto a profissionais de saúde foram estratégias apresentadas pelas adolescentes nesta pesquisa. Todas mencionaram a importância de não manter sua dor e angústia no campo do silêncio.

Fica evidente esta transmutação do poder curativo da palavra e da arte como expressão de sensações e autocuidado, conseguindo assim, avançar para não adoecerem e não se renderem.

Nas três categorias analisadas no Grupo Focal de Finalização, observamos a presença de momentos em que as adolescentes partilharam suas inseguranças e puderam perceber que suas experiências são muito próximas. Foi coletivamente que todas puderam tecer formas de autocuidado e reagir perante as evidências do racismo.

6.3.4 Avaliando a participação na pesquisa

Subcategoria Um: Do conteúdo explícito pelas adolescentes.

Nessa parte da análise, apresentaremos o conteúdo trazido pelas quatro adolescentes participantes do Grupo Focal de Finalização. Em seus relatos, Angela, Dandara, Nina e Carolina Maria contam como foi ter participado da pesquisa.

Nessa pesquisa, acredito que não foi só importante para a Elânia, mas foi importante para eu participar dessa pesquisa, principalmente essa última parte do encontro, porque eu pude ver meus próprios pensamentos e é muito interessante ver e

ter certeza de como nós mudamos nosso conceito em tão pouco tempo. (Angela, 16 anos).

Essa entrevista foi um grande marco para mim, entender e ver a nossa história, muitas vezes parece até assustador e saber que fomos nós que falamos sobre como nos sentimos, tem muito a ver com esse padrão da sociedade. E a mulher negra, lésbica ao se apaixonar vive de modo intenso o amor ao se deparar com a lesbofobia e o medo de andar com sua companheira na rua. Se apaixonar é lindo, é perigoso. (Dandara, 17 anos).

Na minha opinião essa pesquisa me fez muito bem, para que eu consiga entender quem eu sou e quais são meus planos. (Nina, 13 anos).

A entrevista foi muito boa, a Elânia é muito linda e me fez pensar em relação a mim mesma, me fez olhar para dentro de mim e botar pra fora as minhas mágoas, me fez libertar as dores do passado e quem sabe as dores do futuro. Obrigada! (Carolina Maria, 17 anos).

Com relação à importância do resgate da história individual e coletiva, presente nos fragmentos das avaliações das adolescentes entrevistadas, Silva (2017) nos conta que:

Para refletirmos sobre o efeito do racismo teremos de falar de história, teremos de levar em conta que as condições históricas são o pano de fundo sobre o qual se desenvolve a história pessoal e coletiva de um indivíduo ou grupo étnico, aspectos que dão a estrutura, a base sobre a qual será o indivíduo acolhido ou não em seu

processo de desenvolvimento. (Silva, 2017, pp.76-77).

Ainda que essa pesquisa tenha buscado compreender como, e se, o racismo afeta as vivências afetivo-sexuais de adolescentes negras do distrito do Grajaú, observamos que o processo de recordar a própria história de vida fez com que, em certa medida, as adolescentes pudessem refletir sobre o racismo no Brasil e seus efeitos.

Subcategoria Dois: Das sutilezas do encontro... nossas observações.

Durante a realização do Grupo Focal de Finalização observamos alguns pontos importantes, para a compreensão da pesquisa e assim eles foram destacados no texto na avaliação do percurso.

Antes do encontro de finalização do processo, as adolescentes nos relataram estarem curiosas para saber a identidade das demais participantes, questionava-nos sobre o bairro de moradia, idade, orientação afetivo-sexual. No momento do encontro de todas conjuntamente, elas se cumprimentaram de forma cordial e sorridentes. No percurso até o local onde o grupo ocorreria, ouvimos comentários de homens erotizando seus corpos, os mesmos tentavam uma aproximação, por meio de frases de cunho sexual. Já em reunião no grupo, Dandara salientou que a pesquisa tem importância justamente para que a população saiba que adolescentes negras também merecem respeito e proteção.

Houve entrosamento quase que imediato entre as participantes, algumas se chamavam de *irmã*, outras diziam serem companheiras. Outro ponto importante foi à escolha dos nomes a serem usados para identificá-las na pesquisa. Dandara apontou que cada uma poderia ter um nome de mulheres negras fortes.

Ao final do Grupo Focal de Finalização as adolescentes quiseram tirar uma foto coletiva e sugeriram a criação de encontros mensais entre elas, para criar um espaço de autocuidado entre elas. Esse movimento de encontro e identificação com as histórias de vida, gerado pela pesquisa, fez com que o encontro motivasse aquelas meninas a estarem juntas como forma de cuidado e escuta mútua, para criarem mecanismos de força, de luta e de movimento.

Observamos, no percurso dessa pesquisa, que espaços de troca de vivências mostrou-se como uma estratégia de grande potência no trabalho em Educação em Sexualidade com adolescentes negras.

7 CONSIDERAÇÕES PARA NÃO FINALIZAR

Desde o levantamento bibliográfico até o início das entrevistas com as seis adolescentes participantes dessa pesquisa, percebemos o quanto se faz necessário considerar as questões de raça/etnia, gênero, classe, recorte etário e afetividade nas discussões sobre sexualidade.

O modo como as vivências afetivo-sexuais aparecem nas histórias de vida de Sueli, Tereza, Angela, Nina, Dandara e Carolina Maria ilustram o quanto a afetividade de pessoas negras tem sido fragilizada com o racismo desde a infância e provoca fragilizações no processo de vivências afetivo-sexuais já na adolescência. O preterimento e a solidão afetiva surgem muito cedo na vida de meninas negras, como vimos na análise de nossos resultados.

Outro aspecto que nos gera inquietação é o olhar que as adolescentes negras têm sobre si, uma vez que o racismo provoca fragilização na subjetividade dessas meninas desconsiderando seus traços e cabelos como possibilidade de beleza e fazendo com que, muitas vezes, não se considerem belas e, como consequência, não percebam a hipererotização de seus corpos, que são traços perversos da sexualidade que a mídia usa e a sociedade incorpora.

As transformações que a puberdade teceu nos corpos de nossas entrevistadas, as colocou dentro de um padrão de corpo estabelecido, no que diz respeito ao formato desejado, contudo, no quesito raça, essas meninas continuam fora do padrão de meninas consideradas belas, por serem negras, e há uma condição de não atributo de beleza pela sociedade, que elas incorporam também. Uma vez que são frutos desta sociedade que marginaliza, que descaracteriza e que não tem a negra ou negro como pessoas belas, a não ser para fins sexuais.

Considerando o afeto como parte inerente à Sexualidade e que, na trajetória de nossa

pesquisa, as adolescentes entrevistadas consideraram suas vivências afetivas escassas ou inexistentes, é fundamental, que não só abordemos o quesito raça nas ações de Educação em Sexualidade, mas também pensemos e executemos ações de combate ao racismo também no campo da afetividade.

Pesquisar a adolescência de forma ampla, sem apontar os recortes supramencionados dessa pesquisa, contribui apenas para a continuidade da invisibilidade das peculiaridades e vulnerabilidades que a população negra experencia em todos os lugares, seja na escola, no lazer, na mídia, no trabalho, etc.

É fundamental que sigamos na produção de pesquisas e ações, que realmente contribua para a criação de estratégias de fortalecimento de meninas negras, para que elas possam experienciar, de forma saudável, todas as possibilidades de amor e amizade sem a presença do racismo, sem dor ou submissão, e que possam, de fato, construir suas identidades negras aproveitando o que a adolescência tem de melhor: a descoberta de si mesma e do mundo que a cerca.

Concluimos nossa pesquisa provocando aos/as leitores/as a refletir as causas profundas do racismo, de gênero, de classe social, de adolescências e afetividade. Esta é nossa contribuição e inquietação acadêmica: que a adolescência negra seja estudada, que as afetividades de adolescentes negras sejam contempladas em outras pesquisas, que essas sejam considerações para seguir e não para finalizar, para que possamos acolhê-las e respeitá-las no que elas têm de mais belo, suas diferenças.

Encerramos nossa pesquisa com o eco das palavras de Dandara “Uma mulher negra feliz é um ato revolucionário! E é isso aí, a gente tem que ser feliz!” (Dandara, 17 anos).

REFERÊNCIAS

- Alexandrino, D. (Diretor). (2015). *Grajaú em foco* [vídeo]. São Paulo: Coletivo Sarau do Grajaú.
- Andrade, I. P. (2005). Construindo a autoestima da criança negra. In K. Munanga (Org.), *Superando o racismo na escola* (2a ed.). Brasília: Ministério da educação.
- Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70.
- Bento, M. A. S. (2003). Branqueamento e Branquitude no Brasil. In I. Carone & M. A. S. Bento (Orgs.), *Psicologia Social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil*. Petrópolis: Vozes.
- Berger, P., & Luckman, T. (1974). *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento* (2a ed.) (F. S. Fernandes, Trad.). Petrópolis: Vozes.
- Brasil. [1990] (2008). *Estatuto da Criança e do Adolescente*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo.
- Brasil. (1927, 12 de outubro). *Código de menores*. Consolida as leis de assistência e proteção a menores. Brasília: Presidência da República. Recuperado de <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1910-1929/d17943a.htm>.
- Calligaris, C. (2009). *A Adolescência* (2a ed.). (Coleção Folha Explica). São Paulo: PubliFolha.
- CAPES. (2016). *Catálogo de Teses e Dissertações*. Recuperado de <<http://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#!/>>.
- Carneiro, S. (2004, 29 de maio). *Negros de pele clara*. Recuperado de <<https://www.geledes.org.br/negros-de-pele-clara-por-sueli-carneiro/>>.
- _____. (2011). *Enegrecer o Feminismo: A situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero*. Recuperado de

<https://www.geledes.org.br/enegrecer-o-feminismo-situacao-da-mulher-negra-na-america-latina-partir-de-uma-perspectiva-de-genero/>

_____. (2014). *Fábrica entrevista Sueli Carneiro* [Entrevista concedida à ONG Fábrica de Imagens] [vídeo]. Recuperado de <<https://www.youtube.com/watch?v=CMWXkgDNhBk>>.

Chizzotti, A. (2006). *Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais*. Petrópolis: Vozes.

Civiletti, M. V. P. (1991). O cuidado às crianças pequenas no Brasil escravista. *Cadernos de pesquisa*, (76), 31-40.

Costa, R.J. (2007). *Subjetividades femininas: mulheres negras sob o olhar de Carolina Maria de Jesus, Maria Conceição Evaristo e Paulina Chiziane* (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-graduação em História Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.

Crenshaw, K. (2012). *A interseccionalidade da discriminação de raça e gênero*. Recuperado de <<http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/09/Kimberle-Crenshaw.pdf>>.

CultNe. (2017, 20 de março). *CULTNE DOC - Militantes do Movimento Negro na Funabem – 1986*. Recuperado de <<https://www.youtube.com/watch?v=t1X2VhCyVUQ>>.

Cultura Mix. (2014). *Nina Simone: Biografia*. Recuperado de <<http://musica.culturamix.com/artistas/internacionais/nina-simone-biografia>>.

Cunha, R. C. (2013, 11 de junho). “*Estudo aponta que Grajaú é o pior distrito para viver em São Paulo*” – *Folha de São Paulo*. Recuperado de <<http://www.nossasaopaulo.org.br/noticias/estudo-aponta-que-grajau-e-o-pior-distrito-para-viver-em-sao-paulo-folha-de-spaulo>>.

Davis, A. (2016): tradução Candiani, H. R. *Mulheres, raça e classe* (H. R. Candiani, Trad.). São Paulo: Boitempo.

- Del Priore, M. (2012). A criança negra no Brasil. In A. M. Jacó-Vilela & L. Sato (Orgs.). *Diálogos em psicologia social* [online], 232-253. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais. Recuperado de <<http://books.scielo.org/id/vfgfh/pdf/jaco-9788579820601-16.pdf>>.
- Dias, J. C., & Araújo, G. S. (2013). *O trabalho infantil doméstico no Brasil. Avaliação a partir dos microdados da Pnad/IBGE (2008-2011)*. Brasília: Fórum Nacional de Prevenção e Erradicação do Trabalho Infantil – FNPETI. Recuperado de <<http://www.fnpeti.org.br/arquivos//biblioteca/c053a0d7537657af8b2a384c3bc545e9.pdf>>.
- Gatti, B. A. (2005). *Grupo focal na pesquisa em Ciências sociais e humanas*. Brasília: Líber Livro.
- Geledés. (2014, 02 de agosto). *Tereza de Benguela: uma heroína negra*. Recuperado de <<https://www.geledes.org.br/tereza-de-benguela-uma-heroína-negra/#gs.8t4ApIQ>>.
- _____. (2016, 03 de maio). *Negra, ex-catadora e “favelada”: Você conhece a escritora mineira lida em 14 línguas?* Recuperado de <<https://www.geledes.org.br/negra-ex-catadora-e-favelada-voce-conhece-escritora-mineira-lida-em-14-linguas/>>.
- Giacomini, S. M. (1988). *Mulher e escrava: uma introdução histórica ao estudo da mulher negra no Brasil*. (Coleção Negros em libertação). Petrópolis: Vozes.
- Goes, E. (2016, 02 de junho). *Mulheres vítimas de estupro, o que os números dizem?* Recuperado de <<http://populacaonegraesaude.blogspot.com.br/2016/06/mulheres-vitimas-de-estupro-o-que-os.html>>.
- Gomes, N. L. (2002). Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural? *Revista Brasileira de Educação*, (21), 40-51. Recuperado de <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782002000300004>.

- _____. (2005). Educação e identidade negra. In A. M. B. B. de Brito et al. (Orgs.). *Kulé-Kulé: educação e identidade negra*. Maceió: EDUFAL. Recuperado de <<http://ideario.org.br/wp/wp-content/uploads/2013/10/nilma-lino.pdf>>.
- _____. (2012). *Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra*. Recuperado de <<http://acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/10/Corpo-e-cabelo-como-simbolos-da-identidade-negra.pdf>>.
- Gonçalves, J. (2013, 20 de junho). *Afetividade negra – por que beijar sua preta em praça pública é um ato de resistência*. Recuperado de <<https://www.ceert.org.br/noticias/genero-mulher/3587/afetividade-negra-por-que-beijar-sua-preta-em-praca-publica-e-um-ato-de-resistencia>>.
- Hailer, M. (2015, 28 de janeiro). *Angela Davis: a mulher mais perigosa do mundo*. Recuperado de <<https://www.revistaforum.com.br/2015/01/28/angela-davis/>>.
- Henrique, K. (2011, 20 de outubro). *Dandara: A face feminina de Palmares*. Recuperado de <<https://www.geledes.org.br/dandara-a-face-feminina-de-palmares/#gs.z7SuASE>>.
- hooks, b. (2010). *Vivendo de amor*. Recuperado de <<http://www.geledes.org.br/vivendo-de-amor/>>.
- _____. (1995). *Intelectuais negras*. Recuperado de <<https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/10/16465-50747-1-PB.pdf>>.
- IBGE. (2015). *Sobre o Brasil. População. Cor ou raça*. Recuperado de <<https://teen.ibge.gov.br/sobre-o-brasil/populacao/cor-ou-raca.html>>.
- Lays, N. (2016). “Quando eu tinha 18” – Nayra Lays feat Bedibê (ao vivo na Red Bull Station) [vídeo]. Recuperado de <https://www.youtube.com/watch?v=a7_fJ_h48OI>.
- Leal, M. C, Gama, S. G. N., & Cunha, C. B. (2005). Desigualdades raciais, sociodemográficas e na assistência ao pré-natal e ao parto, 1999-2001. *Rev. Saúde Pública*, 39(1), 100-107.

- Louro, G. L. (2000). Pedagogias da Sexualidade. In _____. (Org.). *O corpo educado: Pedagogias da sexualidade* (2a ed.). (T. T. da Silva, Trad.). Belo Horizonte: Autêntica. Recuperado de <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/1230/Guacira-Lopes-Louro-O-Corpo-Educado-pdf-rev.pdf?sequence=1> >.
- Minayo, M. C. S. (Org.). (2001). *Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade*. (18a ed.). Petrópolis: Vozes.
- Moreira, N. R. (2007). *O feminismo negro brasileiro: um estudo do movimento de mulheres negras no Rio de Janeiro e São Paulo* (Dissertação de Mestrado). Departamento de Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, Brasil.
- Mulheres na Ciência. (2013). *Mae C. Jemison*. Recuperado de <<http://mulheresnaciencia-mc.blogspot.com.br/2013/07/mae-c-jemison.html>>.
- Munanga, K. (2017). As ambiguidades do racismo à brasileira. In N. M. Kon, M. L. Silva & C. C. Abud (Orgs.). *O racismo e o negro no Brasil: Questões para a psicanálise*. (pp. 33-44). São Paulo: Perspectiva.
- Nogueira, A. (2017, 05 de julho). *Meninas negras são vistas como “menos inocentes” do que brancas, diz estudo*. Recuperado de <<https://estilo.uol.com.br/comportamento/noticias/redacao/2017/07/05/meninas-negras-sao-vistas-como-menos-inocentes-do-que-brancas-diz-estudo.htm>>.
- Oliveira, F. C. S. (2014). Mulheres negras letras e literatura: Uma Análise da Condição da mulher negra no final século XIX a meados do século XX. In *18º REDOR – Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisa sobre a Mulher e Relações Gênero*. (pp. 1586 – 1605). Recife: Universidade Federal Rural de Pernambuco.
- Pacheco, A.C.L. (2016) Gênero, “raça” e trajetórias afetivo-sexuais entre mulheres negras lideranças de classes populares, em Salvador, Bahia. In *19º REDOR – Rede Feminista*

- Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisa sobre a Mulher e Relações Gênero* (pp. 2640-2654). Recife: Universidade Federal Rural de Pernambuco. Recuperado de <http://www.editorarealize.com.br/revistas/ebook_redor/trabalhos/gt09.pdf>.
- _____. (2013). *Mulher negra: afetividade e solidão*. (Coleção Temas Afro). Salvador: EdUFBA.
- Pereira, B. P. (2011). De escravas a empregadas domésticas - A dimensão social e o "lugar" das mulheres negras no pós- abolição. In *XXVI Simpósio Nacional de História*. São Paulo: Universidade de São Paulo. Recuperado de <http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1308183602_ARQUIVO_ArtigoA NPUH-Bergman.pdf>.
- Rede Nossa São Paulo. *"Estudo aponta que Grajaú é o pior distrito para viver em São Paulo"* - *Folha de S.Paulo*. Recuperado de <<http://www.nossasaopaulo.org.br/portal/node/45927>>.
- Rizzini, I. & Rizzini, I. (2004). *A institucionalização de crianças no Brasil: percurso histórico e desafios do presente*. Rio de Janeiro: Ed. PUC – RIO.
- Rolnik, R. (1995). *O que é cidade?* (Coleção Primeiros Passos). São Paulo: Brasiliense.
- Salvador, M.N. (2008). *Mulheres negras adolescentes: projeto de vida e suporte familiar*. (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-graduação em Sociologia da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Araraquara, SP, Brasil.
- Santos, P.G.C. (2015). *Direito das crianças para crianças: o livro didático em questão* (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-graduação em Direitos Humanos do Centro de Artes e Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE, Brasil.
- São Paulo (cidade). (2018, 14 de janeiro). In *Wikipédia: a enciclopédia livre*. Recuperado de

<[https://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%A3o_Paulo_\(cidade\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%A3o_Paulo_(cidade))> .

Sasso, R., & Sasso, S. (Diretores). (2016). *Grajaú conta Dandarás, Grajaú conta Zumbis* [vídeo]. São Paulo: Coletivo Sasso. Recuperado de <<https://www.youtube.com/watch?v=zfjmiznszB8>>.

Schlichthorst, C. (2000). *O Rio de Janeiro como é (1824-1826): uma vez e nunca mais: contribuições de um diário para a história atual, os costumes e especialmente a situação da tropa estrangeira na capital do Brasil. Apresentada, anotada e comentada por este.* (E. Dodt & G. Barroso, Trad.). (Coleção O Brasil visto por estrangeiros). Brasília: Senado Federal.

SEADE. (2014). *Perspectivas demográficas dos distritos do Município de São Paulo: o rápido e diferenciado processo de envelhecimento.* Recuperado de <http://www.seade.gov.br/wp-content/uploads/2014/07/spdemog_jan2014.pdf>.

Sena, J. C. (Diretor). (2011). *Grajaú, onde São Paulo começa* [vídeo]. São Paulo: Anthares Multimeios (produção), Anágua Filmes (co-produção). Recuperado de <<https://www.youtube.com/watch?v=KuxVrY3FeDY>>.

Silva, M. A. (2005). *Mulheres negras adolescentes no Ensino Médio: Discriminação e desafio* (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-graduação em Sociologia da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Paulista “Julio de Mesquita Filho”, Araraquara, SP, Brasil.

Silva, M. L. (2017). Racismo no Brasil: Questões para psicanalistas brasileiros. In N. M. Kon, M. L. Silva, & C. C. Abud (Orgs.). *O racismo e o negro no Brasil: Questões para a psicanálise* (pp. 71-89). São Paulo: Perspectiva.

_____. (2005). Racismo e os efeitos na saúde mental. In *I Seminário Saúde da População Negra*. São Paulo: Instituto de Saúde.

Souza, N. S. (1990). *Tornar-se negro ou As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em*

ascensão social. (2a ed.). Rio de Janeiro: Graal.

Souza, A. M. (2008). *Representações de adolescentes brancos sobre jovens negras, alunos de uma escola pública no município de Araputanga – MT*. (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, MT, Brasil.

Taylor, A., Lauro, G., Segundo, M., & Greene, M. (2015). “*Ela vai no meu barco*”: *Casamento na Infância e Adolescência no Brasil*. Rio de Janeiro e Washington DC: Instituto Promundo e Promundo-U.S.

Proni, M. W., Cunha, E. M. G. P. (2014). *Mapa da juventude da cidade de São Paulo*. Campinas: Recuperado de https://ceapg.fgv.br/sites/ceapg.fgv.../mapa_da_juventude_da_cidade_de_sao_paulo.pdf.

Viva Favela. (2014, 02 de agosto). *Tereza de Benguela, uma heroína negra*. Recuperado de <https://www.geledes.org.br/tereza-de-benguela-uma-heroina-negra/>.

APÊNDICES

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO

Qual sua data de nascimento? _____

Qual sua raça/etnia? _____

Há quanto tempo você mora no distrito do Grajaú? _____

Você estuda atualmente?

() Sim. Em que série? _____

() Não. Por quê? _____

Você tem filho(s)?

() Não.

() Sim. Quantos? _____

Qual o sexo e idade de seu(s) filho(s): _____

Qual seu tipo de moradia? () cedida () alugada () própria

Quantas pessoas moram em sua casa (incluindo você)? _____

Qual grau de parentesco com as pessoas que moram em sua casa?

Das pessoas que moram em sua casa, quantas trabalham? _____

Qual profissão essas pessoas exercem atualmente?

Qual a renda mensal da sua família?

() Até mil reais.

() Entre mil e dois mil reais.

() Entre dois mil e três mil reais.

() Entre três mil e quatro mil reais.

() Acima de quatro mil reais.

APÊNDICE B – CARTA DE APRESENTAÇÃO

Eu, Elânia Francisco Lima, aluna do curso de Pós-graduação, em nível de mestrado do Programa de Mestrado Profissional em Educação Sexual da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho Campus de Araraquara, sob orientação da professora Dr^a Célia Regina Rossi venho por meio desta apresentar a pesquisa: “Negritude e sexualidade: Análise de experiências afetivo-sexuais de adolescentes negras de uma periferia da cidade de São Paulo”, que tem o objetivo de compreender se (e como) o racismo afeta as experiências amorosas e o desenvolvimento sexual de adolescentes negras.

Nesta etapa do projeto será feito contato com adolescentes negras usuárias dos serviços da Instituição e, após a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido por parte delas e de seus responsáveis legais, serão coletadas informações por meio de questionário sociodemográfico, duas rodas de conversa e entrevistas gravadas em áudio para posterior transcrição e análise.

Esclarece-se que será assegurado tanto à Instituição quanto às adolescentes participantes da pesquisa, o anonimato e a confidencialidade bem como a possibilidade de desistir da pesquisa a qualquer momento. Vale ressaltar ainda que as informações reunidas serão usadas, unicamente, para fins desta pesquisa e de trabalhos que dela se desdobrarão. Desta forma informa-se que uma cópia com o resumo do projeto será disponibiliza a esta instituição de ensino. Informa-se também a disponibilidade para qualquer esclarecimento durante tempo de execução deste projeto nos seguintes contatos: Elânia Francisco Lima e-mail: lima.elaniafrancisca@gmail.com, telefone: 11-954450891 e Prof^a Célia Regina Rossi e-mail: celia.regina@fcl.unesp.br, telefone 19 98245-5767.

Na esperança de contar com sua colaboração deixo meus agradecimentos,

Atenciosamente,

Elânia Francisco Lima
Mestranda em Educação Sexual – UNESP

APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

1. Você está sendo convidada(o) para participar da pesquisa: *“Negritude e sexualidade: Experiências afetivo-sexuais de adolescentes negras de uma periferia da cidade de São Paulo”*, que tem o objetivo de compreender se (e como) o racismo afeta as experiências amorosas e o desenvolvimento sexual de adolescentes negras.
2. A pesquisa, utilizando a metodologia de pesquisa qualitativa, consistirá na aplicação de questionário sociodemográfico e realização de duas rodas de conversas e entrevistas individuais (gravada em áudio) junto às participantes do estudo para posterior análise dos dados, dessa forma, pretende-se mostrar a relevância deste assunto para que ele obtenha melhor visibilidade na sociedade bem como em instituições que atuam no processo socioeducativo de adolescentes negras. Trata-se de uma pesquisa de mestrado desenvolvida por Elânia Francisco Lima do curso de Educação Sexual da Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, sob orientação da Profa. Dr.^a Célia Regina Rossi.
3. O benefício da sua participação na pesquisa será contribuir para a compreensão da realidade sobre a vida afetiva de adolescentes negras.
4. Ao participar deste trabalho você se deparará com perguntas que podem oferecer riscos e desconfortos como o sentimento de constrangimento, seja ele de cunho emocional e/ou moral. Ademais, sentir-se ameaçada quanto à exposição direta ou indireta de sua privacidade, devido o teor das questões que abordam assuntos relacionados à sexualidade. Sendo assim, salienta-se que você poderá se retirar da pesquisa a qualquer momento se sentir-se desconfortável e/ou arrependida por ter aceitado participar sem sofrer nenhum tipo de penalidade. Sua decisão será respeitada.
5. Garantimos a indenização diante de eventuais danos causados a você pela participação nesta pesquisa.
6. A qualquer momento da realização desse estudo você poderá receber os esclarecimentos adicionais que julgar necessários e poderá recusar-se a participar ou retirar-se da pesquisa em qualquer fase da mesma, sem nenhum tipo de penalidade, constrangimento ou prejuízo por parte da pesquisadora ou da instituição.
7. O sigilo das informações será preservado através de adequada codificação dos instrumentos de coleta de dados, e especificamente, nenhum nome, isto é, identificação de pessoas, tampouco locais serão divulgados. Todos os registros efetuados no decorrer desta investigação serão usados para fins unicamente acadêmico-científicos e apresentados na forma de dissertação, não sendo utilizados para qualquer fim comercial.
8. A participação no estudo não acarretará custos para você, bem como nada será pago por sua participação.

9. Desde já agradecemos sua colaboração e nos comprometemos com a disponibilização dos resultados obtidos nesta pesquisa, tornando-os acessíveis a todos os participantes. Você receberá uma via deste termo onde consta o telefone e o endereço de e-mail do pesquisador, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento no futuro.

Elânia Francisco Lima
lima.elaniafrancisca@gmail.com
11-954450891

Célia Regina Rossi
celia.regina@fclar.unesp.br
19 98245-5767

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar. A pesquisadora me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da localizada à Rodovia Araraquara-Jaú, Km 1 – Caixa Postal 174 – CEP: 14800-901 – Araraquara – SP – Fone: (16) 3334-6263 – endereço eletrônico: comitedeetica@fclar.unesp.br.

Local e data: _____

Assinatura do sujeito da pesquisa

Assinatura do responsável pelo sujeito da pesquisa

APÊNDICE D – ROTEIRO GRUPO FOCAL DE FINALIZAÇÃO

A pesquisadora organizará a sala antes do início da Roda de Conversa, buscando colocar as cadeiras em círculo para facilitar a visualização de todas as participantes. O gravador será colocado no centro da sala.

Inicialmente a pesquisadora fará uma breve reapresentação de si e da pesquisa, enfatizando que poderão seguir ou romper sua participação no momento que desejarem, conforme descrito no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Será recordada a informação de que a Roda de Conversa é gravada e o material utilizado somente para fins dessa pesquisa e de seus desdobramentos.

Feito isso, a pesquisadora explicará às adolescentes que essa Roda de Conversa tem intuito de encerrar o processo de pesquisa da qual elas participaram.

Cada adolescente receberá a transcrição de sua entrevista impressa em folhas de sultite e uma caneta. A pesquisadora pedirá que as adolescentes leiam suas entrevistas e circulem nomes próprios e de locais que possam identificá-las. Pedirá que escolham novos nomes para si e para outras pessoas citadas nas entrevistas ou se preferirem, deixem a escolha à cargo da pesquisadora.

As adolescentes terão de 20 a 30 minutos para realizar essa atividade.

Em seguida será pedido que cada adolescente conte como foi a experiência de recordar sua entrevista.

Por fim, a pesquisadora pedirá que cada adolescente avalie o processo de sua participação na pesquisa desde as entrevistas individuais e por fim a Roda de Conversa Final.

A pesquisadora agradecerá a participação das adolescentes na pesquisa e encerrará essa etapa de coleta de dados.

**APÊNDICE E – ROTEIRO SEMIESTRUTURADO PARA COLETA DAS
HISTÓRIAS DE VIDA**

- Se apresente me falando sobre você.
- Você sempre se viu como uma pessoa negra?
- Como foi ser uma criança negra?
- Você acha que isso interferiu, de alguma forma, em sua autoestima?
- Fale-me sobre ser adolescente e negra.
- Com relação às mudanças que a adolescência trouxe para seu corpo, como você se sente e lida com isso?
- Você conversa com alguém sobre sexualidade e afetos?
- Como é sua relação com as pessoas da sua idade no bairro e na escola (se a adolescente frequentar a escola)?
- Você já namorou ou se apaixonou por alguém? Conte como foi.
- Quais são seus planos para a vida adulta?

APÊNDICE F – TERMO DE AUTORIZAÇÃO DA PESQUISA NA INSTITUIÇÃO

Prezado diretor da Instituição _____, eu, Elânia Francisco Lima, mestranda do curso de Pós-graduação, em nível de mestrado do Programa de Mestrado em Educação Sexual da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho Campus de Araraquara, sob orientação da professora Dr^a Célia Regina Rossi venho por meio deste documento solicitar autorização para realizar nas dependências desta instituição a pesquisa: “Negritude e sexualidade: Experiências afetivo-sexuais de adolescentes negras de uma periferia da cidade de São Paulo”, que tem o objetivo de compreender se (e como) o racismo afeta as experiências amorosas e o desenvolvimento sexual de adolescentes negras. Os resultados contribuirão para compreensão da realidade no que diz respeito a esta temática não só na instituição como também no distrito do Grajaú.

O projeto realizar-se-á nas seguintes etapas:

Inicialmente será realizada reunião de apresentação da pesquisa para todas as adolescentes atendidas pela Organização. Em seguida, as interessadas em participar da pesquisa, receberão uma carta-convite que deverão entregar aos seus pais ou adultos responsáveis legalmente para reunião em que a pesquisa será reapresentada e solicitada a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido tanto pelas adolescentes quanto pelos adultos que estiverem de acordo.

As adolescentes preencherão um questionário sociodemográfico que selecionará cinco delas para a próxima fase da pesquisa que consiste em realização de duas rodas de conversa (a primeira no início e a segunda no final do processo de coleta de dados) além de entrevistas individuais sobre suas histórias de vida.

Tanto as rodas de conversa quanto as entrevistas individuais serão gravadas em áudio com ciência e consentimento das envolvidas, para posterior transcrição e análise.

Deste modo, solicito ao senhor diretor, autorização para realização da pesquisa na instituição.

Esclarece-se que será assegurado tanto à Instituição quanto às adolescentes participantes da pesquisa o anonimato e a confidencialidade bem como a possibilidade de desistir da pesquisa a qualquer momento. Vale ressaltar ainda que as informações reunidas serão usadas unicamente, para fins desta pesquisa e de trabalhos que dela se desdobrarão. Desta forma informa-se que uma cópia com o resumo do projeto será disponibilizada a esta instituição de ensino. Informa-se também a disponibilidade para qualquer esclarecimento durante tempo de execução deste projeto nos seguintes contatos: Elânia Francisco Lima e-mail: lima.elaniafrancisca@gmail.com, telefone: 11-954450891 e Prof^a Célia Regina Rossi e-

mail: celia.regina@fclar.unesp.br, telefone 16-98245-5767.

Na esperança de contar com sua colaboração deixo meus agradecimentos,

Atenciosamente,

Elânia Francisco Lima
Mestranda em Educação Sexual/FCLAr UNESP

Célia Regina Rossi
Profª Drª Programa de Pós-graduação em Ed. Sexual/FCLAr UNESP

São Paulo, _____ de 2016.

Diretor/a da Instituição